ISBN 978859915641-4

Antropóloga e militante, Evelyn Reed mergulha em profundidade na explicação da origem da opressão da mulher, demonstrando suas raízes históricas e derrubando os mitos sobre a inferioridade do sexo feminino e a falsa idéia do "segundo sexo". Ao recuperar as teses de Engels e polemizar com as escolas relativistas da antropologia, Reed recoloca a discussão feminista nas transformações econômico-sociais das sociedades pré-agrícolas até as industriais. Contra os que reduzem a luta contra a opressão a uma "guerra de sexos" aprisionada nas estruturas do sistema capitalista e do mercado, Reed explica que a luta contra a opressão é inseparável da luta de classes e que depende desta a solução definitiva, que as mulheres devem construir.

COLEÇÃO 10

Sexo contra sexo ou classe contra classe 12

12

Sexo contra sexo ou classe contra classe

COLEÇÃO 10

Evelyn Reed

SUNDERMANN

© 2008, Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann
A editora autoriza a reprodução de partes deste livro para fins acadêmicos e/ou de divulgação eletrônica, desde que mencionada a fonte.

Coordenação editorial: João Ricardo Soares
Produção editorial: Luiz Gustavo Soares
Tradução: Elisabeth Marie e Malú Maranhão
Revisão final: Jorge Porfírio
Projeto Gráfico e Capa: Kit Gaion

Reed, Evelyn
Sexo contra sexo ou classe contra classe. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.
144 p., (Coleção 10 n. 12) - 2ª edição (reimpressão 2011)
ISBN: 978-85-99156-41-4

1. Mulher - opressão. 2. Opressão à mulher - origem.

Para esta edição se utilizou a 1a edição brasileira, de 1980, da Editora Versus e Proposta Editorial

Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann
Avenida Nove de Julho, 925•
Bela Vista • São Paulo • Brasil • 01313-000 •
55 -11 3253 5801
vendas@editorasundermann.com.br • www.editorasundermann.com.br

SUMÁRIO

07 Apresentação à segunda edição brasileira

13 Prefácio da autora

19 Mulher e família: uma análise histórica

57 O mito da inferioridade da mulher

103 Sexo contra sexo ou classe contra classe

131 Como a mulher perdeu sua autonomia e como poderá reconquistá-la

169 Notas

APRESENTAÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO BRASILEIRA

Mariúcha Fontana[1]

Publicado pela primeira vez no Brasil em 1980 sob o título *Sexo contra sexo ou classe contra classe* em co-edição das editoras Proposta Editorial e Versus, este livro de Evelyn Reed ganha merecida reedição.

Ele é uma ferramenta poderosa para a luta pela liberação das mulheres contra o machismo crescente desta sociedade neoliberal capitalista, imperialista decadente.

Antropóloga e marxista, essa norte-americana que vivenciou as grandes manifestações de mulheres

na década de setenta nos EUA, mergulha em profundidade na explicação da origem da opressão da mulher e derruba um a um os mitos sobre a inferioridade do sexo feminino, demonstrando que as mulheres não podem ser consideradas o "segundo sexo" e que são totalmente falsas as idéias que apresentam a mulher como um ser oprimido desde sempre.

Ela vai buscar as raízes da opressão na pré-história e mostrar que na maior parte do tempo desde que a humanidade existe sobre a Terra, as mulheres não apenas não eram sexo oprimido, mas desempenhavam papel preponderante – a sociedade se constituía sob o matriarcado, onde as relações sociais, culturais e sexuais eram igualitárias.

Vai demonstrar que, além da opressão da mulher ter aparecido junto com a monogamia, ela é fruto da sociedade de classes; nasceu com a exploração, a propriedade privada, o Estado, a família, sendo portanto produto social e histórico e não natural, biológico ou divino. Vai provar ainda que, de todos os sistemas ou modos de produção fundados na exploração (antigo/escravagista; feudal ou capitalista) é no sistema capitalista que a mulher é mais degradada e oprimida, desmontando assim a falsa idéia de que a mulher estaria realmente se "libertando" nessa sociedade, apesar de todas as reformas conquistadas com muita

luta. Dialeticamente demonstrará que sob o capitalismo a luta das mulheres pode avançar muito, mais ainda se conectadas com o socialismo. Também vai discutir o papel histórico da família, produto da sociedade de classes, e suas transformações, apontando esta como uma instituição reacionária, seja na sociedade antiga, feudal, seja sob a sociedade capitalista.

Por outro lado, esse livro representa uma enorme lufada de ar fresco na atmosfera poluída pelos "estudos de gênero", impregnados pela reacionária "pós-modernidade" acadêmica, e pelas ideologias burguesas, que, propagadas pelas ONGs, têm sufocado a luta de liberação das mulheres, buscando aprisioná-la ao sistema capitalista, ao Estado, ao mercado e aos monopólios e desviá-la do seu caminho realmente libertador, da sua unidade com os homens trabalhadores na luta pelo socialismo.

Especialmente a partir dos anos noventa houve uma dispersão e uma flagrante institucionalização dos movimentos de mulheres. Isso pode ser identificado no crescimento das ONGs (Organizações "Não-Governamentais") "feministas", financiadas por governos, pelo aparelho de Estado, empresas, bancos e, inclusive, organismos internacionais e imperialistas.

Tais organizações e suas falsas idéias reduzem a luta contra a opressão a uma luta por "reformas" nos limites da sociedade capitalista, e muitas teorias tentam conduzí-la a uma "guerra de sexos".

Mas, como afirma Evelyn Reed, a luta pela liberação das mulheres é inseparável da luta pelo socialismo. (...) A luta de classe é um movimento de oposição, não de adaptação(...) A subjugação das mulheres caminhou lado a lado com a dominação das massas trabalhadoras pela classe dos homens patrões.(...) As mulheres pobres são torturadas, ao mesmo tempo, pela obrigação de cuidar dos filhos e da casa, e trabalhar fora para contribuir no sustento da família. As mulheres, portanto, foram condenadas a seu estado de opressão pelas mesmas forças e relações sociais que levaram a opressão de uma classe sobre outra, de uma raça sobre outra, de uma nação sobre outra. E o sistema capitalista – o estágio maior de desenvolvimento da sociedade de classes – a fonte principal da degradação e opressão das mulheres.(...) quem são os melhores aliados das mulheres no combate por sua liberação? As esposas dos banqueiros, dos generais, dos advogados abastados, dos grandes industriais, os trabalhadores negros e brancos que lutam por sua própria liberação?

Este livro leva a perguntar quais são os nexos entre a luta pela liberação das mulheres e a luta pelo socialismo. E, ao contrário do stalinismo, demonstra que a luta contra todas as opressões tem tudo a ver com a luta contra toda a exploração e pelo socialismo.

Como diz ela em um dos seus artigos:

(...)mesmo que os objetivos últimos da liberação das mulheres não possam ser alcançados antes da revolução socialista, isso não significa que a luta por reformas deva ser postergada até a hora final. (...) Por que as mulheres devem levar a cabo sua luta pela liberação se, em última instância, para a vitória da revolução socialista será necessária a ofensiva de toda a classe trabalhadora?

A razão disso, é que nenhum setor oprimido da sociedade (...)pode confiar a outras forças a direção e o desenvolvimento de sua luta pela liberdade – ainda que essas forças se comportem como aliadas. Rechaçamos a posição de alguns grupos políticos que se dizem marxistas, mas que não reconhecem que as mulheres devem dirigir e organizar a luta por sua emancipação, da mesma forma que não chegam a compreender por que os negros devem fazer o mesmo.

Num momento em que o proletariado dá sinais de luta e reentrada em cena , em que mais uma crise capitalista espreita o horizonte no mundo e que as mulheres trabalhadoras, duplamente oprimidas e super-exploradas sob o capitalismo, começam a se reorganizar em nosso país, como demonstrou o I Encontro de Mulheres da Conlutas, que reuniu mais de mil mulheres, a publicação deste livro, mais do que oportuna, é necessária.

10 de setembro de 2008

PREFÁCIO DA AUTORA

Depois de anos de letargia e de submissão ao *status quo*, um número cada vez maior de mulheres americanas levanta a cabeça para unirem-se aos negros rebeldes e aos estudantes radicais, em sua lula contra o sistema capitalista. Esta vanguarda de mulheres militantes reclama o fim do estado de inferioridade ao qual está relegado nosso sexo e submete as instituições e os valores da sociedade atual a uma dura crítica. Suas reivindicações vão desde a abolição das discriminações praticadas contra o sexo feminino no campo do trabalho, até a revisão das leis reacionárias sobre o aborto, sustentadas pela Igreja e pelo Estado.

Os grupos de liberação da mulher, surgidos em torno desta luta pela igualdade, debatem seriamente os diferentes problemas teóricos e práticos que sur-

gem. Exatamente igual ao que fazem os afro-americanos quando tentam compreender porque foram relegados a um estado de escravidão e como será possível libertarem-se rapidamente, estas mulheres recentemente conscientizadas querem saber como e por que estiveram subjugadas por leis machistas e o que podem fazer frente a esta situação.

Sem dúvida, quando buscam uma explicação, descobrem com surpresa que há pouquíssima informação disponível sobre este tema. Existem muitos estudos que tratam do desenvolvimento do gênero humano em seu conjunto, desde os tempos mais antigos até nossos dias. Mas, se quiserem ir mais além em suas indagações, onde encontrarão um sumário confiável dedicado à evolução da mulher, que possa servir para lançar alguma luz sobre certas questões desconcertantes que se referem à sua situação social, que muda através dos tempos?

A escassez de dados sobre um tema que é do máximo interesse para a metade do gênero humano não deve nos surpreender. A história foi escrita até nossos próprios dias do ponto de vista das classes dominantes e do sexo dominante.

Portanto, ainda está por ser feita uma relação completa das contribuições que a mulher deu ao progresso social. A documentação autêntica de tudo o

que ela realizou até agora foi escamoteada, limitada, desvalorizada; do mesmo modo e pelas mesmas razões que as lutas e as vitórias da população trabalhadora e das minorias oprimidas.

Todos os oprimidos, inclusive as mulheres, necessitam agora, urgentemente, escrever e reescrever sua própria história para exibi-la e corrigir as falsificações. Ao mesmo tempo, esta tarefa deve ser realizada em meio ao calor da luta por sua emancipação e como instrumento para a mesma.

Um estudo amplo da história da parte feminina do gênero humano terá que se iniciar necessariamente, nas origens mesmas da sociedade. O período mais antigo, o do estado selvagem, é, ou deveria ser, um campo muito específico da antropologia. Como ciência dedicada ao estudo da pré-história ou da pré-civilização, a antropologia tem uma enorme importância para a "questão da mulher", e isto é o que tento expor aqui. Seus descobrimentos, interpretados e compreendidos em seu justo valor, podem servir para destruir muitos dos mitos que, contudo, prevalecem, e preconceitos que existem sobre a mulher, e podem se converter em uma valiosa ajuda para o movimento de sua liberação.

Por exemplo, as mulheres das sociedades pré-civilizadas eram tanto economicamente indepen-

dentes como sexualmente livres. Não dependiam de maridos, pais ou protetores, para conseguirem sua subsistência, e não eram humildes, nem se mostravam agradecidas por qualquer migalha que recebessem. Na sociedade comunitária, trabalhavam junto com outras mulheres e outros homens em benefício de toda a comunidade, e dividiam os resultados de seu trabalho sobre uma base igualitária. Segundo os costumes, decidiam elas mesmas, autonomamente, acerca de seu comportamento sexual. Não eram objetos que se pudesse possuir, oprimir, manipular e explorar. Como produtoras e procriadoras eram a cabeça reconhecida de uma sociedade matriarcal, e eram honradas e respeitadas pelos homens.

Sem dúvida, quando estes fatos foram descobertos pela primeira vez, pelos antropólogos do século passado, estas versões das formas primitivas de organização social ofenderam e alarmaram os guardiões do *status quo*, exatamente como acontece em nossos dias. Suas objeções tiveram efeitos negativos sobre o desenvolvimento da ciência antropológica, e serviram, inclusive, para impedir e retardar a elaboração de uma historia da mulher que fosse autêntica e completa.

Existem razões políticas para esta obstinada resistência. O descobrimento de que as mulheres nem

sempre foram consideradas como o "segundo sexo", relegadas a um estado de inferioridade, senão que, ao contrário, desfrutaram de uma imensa capacidade criativa, social e cultural, continha implicações perigosamente "subversivas": ameaçava minar a supremacia, tanto do homem como do capitalismo. Porque, se era verdade que o sexo feminino tinha tido uma participação fundamental na sociedade comunitária primitiva, por que não iria poder fazer o mesmo na reconstrução das relações sociais, em um nível histórico mais elevado?

Uma vez que as mulheres atuais, frustradas e rebeldes, tivessem compreendido o que suas antecessoras puderam realizar em dado momento, e qual havia sido a posição influente que possuíam, dificilmente se contentariam em permanecer no seu atual estado de inferioridade. As adeptas dos movimentos de liberação da mulher não somente se sentiriam reforçadas, senão muito melhor equipadas em sua luta pela abolição da sociedade capitalista que as humilha, e pela construção de uma nova sociedade, uma sociedade melhor, na qual todos os seres humanos e ambos os sexos fossem livres.

Os escritos dos fundadores do socialismo científico, Marx e Engels e de seus discípulos, apontavam para esta direção. Eles acreditavam que a opressão

e a degradação a que atualmente estão submetidas as mulheres, não podem ser consideradas à parte da exploração das massas trabalhadoras pelos proprietários capitalistas. Portanto, as mulheres poderiam se assegurar de um controle pleno de suas vidas, e conformar seu próprio destino, unicamente como força integrante da revolução socialista mundial.

Este livro deseja ser uma pequena contribuição ao tremendo trabalho que espera a mulher em nossa época revolucionaria. Ao conformar nosso presente e nosso futuro, teremos que reconstruir também nosso passado, por difícil que possa ser. Conforme se estenda o atual processo de conscientização, não me resta dúvida alguma de que um número cada vez maior de mulheres revisará criticamente a larga marcha do gênero humano, e realizará novos descobrimentos, e divulgará tudo aquilo que já se chegou a conhecer sobre a verdadeira história de nosso sexo.

15 de junho de 1969

MULHER E FAMÍLIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA[2]

Todos os presentes estão conscientes de que estamos vivendo um período de crescentes agitações e tensões sociais. Isto fica evidente através das manifestações de protesto e pelos movimentos de liberação que há tempos ocupam as manchetes de jornais. Em primeiro lugar, aparece o repúdio à Guerra do Vietnã, na qual Washington está queimando milhões de milhares de dólares, enquanto descuida das necessidades mais elementares do povo norte-americano no que se refere à habitação, educação, cuidados médicos, bem-estar social etc. Temos também as re-

voltas nas comunidades negras, que buscam o fim de sua pobreza e do racismo. Os estudantes, subjugados pelo sistema prevalecente de coerção e de lavagem cerebral, tentam liberar as escolas e universidades da ingerência das grandes indústrias e das personalidades poderosas. Portanto, não é nada surpreendente que junto a essas ondas de descontentamento e militância tenha sido despertado o interesse e se desenvolvido novamente os movimentos pela liberação da mulher.

Na vanguarda, as jovens de hoje, sobretudo as universitárias, questionam as antigas normas e costumes que limitam a vida da mulher ao marido, ao lar e à família. Suspeitam terem sido enganadas quando as fizeram acreditar que as mulheres representavam o segundo sexo, algo inferior, algo que tem que ser satisfeito com o ser um pouquinho mais que uma mulher zelosa de seu lar ou viver uma vida ociosa. Com toda justiça, elas acreditam que possuem cérebros e talentos, da mesma forma que órgãos sexuais e reprodutores, e que têm sido despojadas de sua liberdade para poderem expressar sua capacidade criadora em quase todas as esferas da vida social.

No entanto, encontram-se em dificuldades quando se trata de articular suas queixas e formular suas reivindicações por urna vida mais rica em significados e perspectivas mais amplas que aquelas às que se acham restringidas. Tal coisa não é surpreendente, dada a magnitude e o alcance do problema. A "questão feminina" não afeta um grupo minoritário; as mulheres representam a metade da espécie humana. Por outro lado, abrange temas importantes e muito sensíveis, como o das relações sexuais, os laços familiares e outros problemas íntimos entre as pessoas.

Um dos maiores obstáculos com que nos defrontamos é a falta de informação concreta sobre a transformação histórica da mulher e da família. Tal coisa é muito útil para que a mulher se mantenha ignorante e submissa aos mitos que se propagam em sua volta. As jovens rebeldes sentem instintivamente que de algum modo, em algum momento e por meio de algumas forças invisíveis, foram submetidas à escravidão e relegadas a um estado de inferioridade. Elas não sabem como isto aconteceu, e necessitam saber como chegaram a este ponto e quem ou o que é responsável por tal coisa.

A maioria das mulheres não compreende que seu problema não existia antes da instauração da sociedade de classes, que as desclassificou da elevada posição de igualdade que desfrutavam na sociedade primitiva. Muito vagamente, se dão conta do fato de que a submissão das mulheres caminha paralelamente com

a exploração dos trabalhadores em seu conjunto, e com as discriminações praticadas contra os negros e outras minorias. Por esta razão, elas mesmas não entendem que uma vez abolida a sociedade capitalista e instauradas relações de tipo socialista, as mulheres serão emancipadas como sexo, pelas mesmas forças que liberarão todos os trabalhadores e minorias raciais de sua opressão e alienação.

Por isso, apresento a "questão da mulher" começando pela pré-história da humanidade. Isto nos leva ao campo da antropologia, com seus importantes descobrimentos sobre a evolução da mulher, da família e do conjunto da humanidade.

Em primeiro lugar, um breve esboço do desenvolvimento da própria antropologia, para compreendermos porque tantos desses conceitos foram distorcidos e mistificados.

A antropologia é um dos ramos mais jovens das ciências sociais. Tem pouco mais de cem anos. Em seu início, era considerada por seus fundadores como a ciência das origens sociais e da evolução. Através de suas investigações, estes esperavam poder traçar o desenvolvimento da humanidade desde as origens pré-históricas até a civilização, ou seja, chegar até o atual período histórico. A antropologia, portanto, seria definida como o estudo da "pré-história".

Exatamente por ser uma ciência da evolução, a antropologia foi objeto de muitas controvérsias. Da mesma forma que a biologia, que se desenvolveu também no curso do século XIX, esta ciência fez balançar os conceitos errôneos que prevaleciam até então sobre o passado da humanidade e, além disso, começou a derrubar as más interpretações existentes sobre a questão da mulher. Por isso, foi considerada pelas forças conservadoras como uma ciência potencialmente subversiva, e muitas barreiras se levantaram no caminho de seu livre e completo desenvolvimento.

A primeira batalha entre o dogmatismo obsoleto e os descobrimentos científicos desenvolveu-se no campo da arqueologia. Segundo o Antigo Testamento, a humanidade tinha não só uma origem divina, como sua história era breve, contava com menos de cinco mil anos. Não obstante, os fósseis escavados pelos primeiros arqueólogos demonstravam que a vida humana havia se iniciado já há milênios. Tal coisa representava um desafio aos dogmas religiosos e às idéias petrificadas que prevaleceram durante o último século, e a princípio, esses descobrimentos foram acolhidos com rancor e desconfiança. Somente depois de várias décadas e depois de haver um acúmulo de provas contundentes, esta resistência se des-

vaneceu. Atualmente todo o mundo científico aceita que a vida começou há mais de um milhão de anos, e que outras formas sub-humanas ou homínidas precederam a evolução do homem até o *Homo sapiens*.

A segunda grande batalha contra o obscurantismo se deu com a teoria de Darwin da evolução orgânica, que evidenciou a origem animal da humanidade. Este foi um golpe muito mais sério ao dogmatismo místico religioso, do que simplesmente estender a história da humanidade para tempos mais remotos, porque implicava o fato de que o homem não era criação de um ser divino, e sim fruto da evolução de um ramo evoluído dos primatas. A ira e a fúria que rodearam esta teoria anti-religiosa duraram várias gerações. Em alguns estados, a lei proibiu que esta teoria fosse ensinada nas escolas. Somente este ano o estado de Arkansas foi empurrado, a golpes e pontapés, ao século XX, graças à coragem e espírito de luta de uma professora que forçou o Estado a admitir o ensino da teoria da evolução em suas escolas. Nos estados mais progressistas do mundo, esta resistência foi quebrada há mais tempo, e hoje a teoria de Darwin é aceita como premissa fundamental na investigação científica sobre as origens da humanidade.

O término destas lutas, que entravam em conflito fundamental com os dogmas teológicos, não resolveu todas as disputas surgidas em torno da jovem ciência da antropologia. A batalha mais áspera, que hoje ainda continua, não foi contra a religião, e sim a que se dá no campo da sociologia. As conclusões dos fundadores da antropologia demonstravam que antes do nosso sistema existia um tipo de sociedade totalmente diferente. E em certas esferas das relações humanas, ainda que em outras não, aquela havia sido superior à nossa, já que a organização social primitiva estava baseada em uma democracia autêntica e em uma igualdade completa, inclusive na igualdade sexual.

As autoridades constituídas na sociedade capitalista não podem tolerar algumas ciências, desde a antropologia até a economia, que proclamem abertamente toda a verdade sobre o que representa nossa sociedade, como uma sociedade que explora e oprime tanto os operários como as mulheres. Portanto, não é surpreendente que durante o século XX tenham surgido novas escolas de antropólogos, que repudiam os métodos e descobrimentos de seus predecessores, desviando esta ciência por caminhos e direções completamente diferentes.

Em mãos destes revisionistas, a antropologia, como ciência da evolução social, viu-se desnorteada de seus promissores caminhos, convertendo-se num simples catálogo descritivo de uma "variedade" de ciências. Uma vez que muitas pessoas, inclusive estudantes de antropologia, possuem pouco conhecimento sobre este desenvolvimento, vejamos como foi possível que isto acontecesse.

No século XX, os dois mais célebres investigadores da antropologia, foram Lewis Morgan nos Estados Unidos, e Edward Taylor, na Inglaterra. Eles e seus colegas partiam do ponto de vista evolucionista, e prosseguiam a sua teoria baseados no fato de que a humanidade havia se desenvolvido através de uma série de estados progressivamente ascendentes, desde o mundo animal até a civilização. Também eram substancialmente materialistas, ou seja, consideravam como básicas as atividades de trabalho para assegurar os gêneros de primeira necessidade ou as que serviam para que a vida se tornasse mais cômoda, e a partir daí, analisavam as instituições superestruturais, como os costumes, as idéias e as crenças dos povos primitivos.

O mais notável expoente deste método evolucionista e materialista foi Lewis Morgan, que o utilizou para caracterizar os três principais estágios do

progresso humano: desde o estágio selvagem, até a civilização, passando pela barbárie. Hoje em dia, podemos inclusive estabelecer a duração de cada uma dessas três épocas. A primeira, o estágio selvagem, foi o mais prolongado, pois ocupa quase 99% da vida humana sobre a terra. A barbárie começou com a agricultura e a criação de gado, há cerca de 8.000 anos, e a civilização se iniciou mais ou menos há uns 5.000 anos.

É digno de se observar o fato de que Marx e Engels, os criadores do socialismo científico, viram-se influenciados e inspirados pelos estudos tanto de Darwin como de Morgan. Marx ficou tão impressionado com os descobrimentos de Darwin, que inclusive queria lhe dedicar a sua obra mais importante, *O Capital*. Engels desenvolveu mais a questão central colocada por Darwin, à qual este mesmo não conseguira responder: como é que nossos progenitores haviam conseguido superar o passo inicial de primatas passando para a etapa de seres humanos? Em seu ensaio *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, Engels explica que foi a atividade produtiva sistemática que converteu os antropóides em humanóides. Com esta explicação, Engels foi o primeiro a apresentar o que podemos chamar propriamente de "teoria do trabalho como origem da

sociedade", e isto teve implicações muito importantes para a "questão da mulher".

No caso da antropologia, o livro de Morgan, denominado *A Sociedade Antiga*, chegou até Marx, vindo dos Estados Unidos através das mãos do sociólogo russo Maxim Kovalevsky. Imediatamente, Marx começou a fazer anotações sobre o mesmo, para tirar suas próprias conclusões sobre o primeiro período de evolução social. Depois da morte de Marx, estas notas foram publicadas por Engels em sua famosa obra *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, em 1884. Como disse em sua introdução à primeira edição, "na América, Morgan havia descoberto, a seu modo, o conceito materialista da história, elaborado por Marx há quarenta anos".

O livro de Engels sublinhava os ásperos contrastes entre a sociedade primitiva sem classes e nossa sociedade de classes, e tirava as inevitáveis conclusões sociológicas do material recolhido pelos antropólogos. Morgan, Tylor, Rivers e outros, não buscaram uma sociedade igualitária, nem mesmo imaginavam que esta sociedade pudesse ter existido. Porém sendo investigadores escrupulosos, que informavam honestamente e com exatidão os resultados de seus estudos, redescobriram que as sociedades selvagens brilhavam pela ausência de instituições de classe,

fundamentais em nossa sociedade. Estes pontos foram elaborados por Engels, em sua obra.

Em primeiro lugar, os meios de produção eram propriedade comum, e cada membro da comunidade trabalhava sob bases igualitárias a todos os demais. Isto é fundamentalmente diferente do que acontece em nossa sociedade. Não existia uma classe rica dominante que explorava a classe operária para aumentar seu poder. Portanto, Morgan e outros, definiram a sociedade primitiva como um sistema de "comunismo primitivo".

Em segundo lugar, não existia um aparato estatal coercitivo, com seus exércitos de homens armados e de polícias que serviam de braço armado da classe rica governante, para manter subjugado o povo trabalhador. A sociedade primitiva tribal era autônoma e democrática, uma sociedade na qual todos os membros eram iguais, inclusive as mulheres.

Em terceiro lugar, embora nossa sociedade classista seja patriarcal em sua constituição, tendo a família paterna como unidade fundamental, a sociedade primitiva era matriarcal, e sua unidade estava constituída pela gens materna ou pelo clã materno. Além disso, a supremacia machista, que se sustenta sobre o mito de que as mulheres representam um sexo inferior, existe somente em nossa sociedade de

classes patriarcal. No primitivo sistema matriarcal, baseado em princípios comunistas, não existia nenhuma forma de dominação de um sexo sobre o outro, da mesma forma que não existia o domínio de uma classe rica sobre a massa de trabalhadores.

Finalmente, os primeiros antropólogos descobriram que a unidade familiar, tal como conhecemos, também não existia. A sociedade tribal estava composta por uma rede de clãs, formado cada um por irmãos e irmãs correspondentes. Com este sistema de classificação através do parentesco, todos os membros se identificavam, não por meio de seus próprios laços familiares, mas através de suas relações tribais ou do clã.

Deste modo, ao aplicar seu método histórico comparativo, os primeiros antropólogos colocaram em evidência, involuntariamente, as instituições-chave de nossa sociedade capitalista, descobrindo sua total ausência nas sociedades primitivas. Graças a essas considerações, o título da obra de Engels tornou-se um indicativo extraordinário: *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Engels sublinhou também o fato de que quando não existiam essas instituições classistas, as mulheres ocupavam uma posição relevante, gozando de grande liberdade e independência, em flagrante contraste com o papel

subordinado e degradante que lhes destinou a sociedade de classes.

O descobrimento desta notável diferença entre os dois sistemas sociais – o sistema primitivo igualitário e o nosso opressivo sistema capitalista – transformou-se em um duro golpe sobre algumas das mais importantes ficções que circulam em nosso sistema cultural. Seria difícil dizer o que era mais doloroso para o poder constituído: o fato de que a sociedade primitiva fôra coletivista, igualitária e democrática, ou o fato de que fôra matriarcal e que as mulheres ocuparam nela posições influentes e respeitadas pela comunidade. Da mesma forma, parecia repulsivo o fato de que a família paterna – que se afirmava que sempre existira – tinha sido instituída muito mais tarde na história, e que sua origem coincidia com a passagem do sistema social matriarcal para o patriarcal.

Foram esses descobrimentos, e mais ainda, as conclusões radicais extraídas pelos marxistas, o que provocou longas e amargas lutas entre as diversas escolas antropológicas. As novas tendências que surgiram no século XX repudiaram os métodos e os descobrimentos dos precursores, tachando Morgan, Tylor e os outros de "antiquados e fora de moda". Embora se dividam em várias tendências, os "difu-

sionistas", os "funcionalistas" e os "estruturalistas", as diferenças entre eles são menores, em comparação com sua oposição comum a qualquer apreciação materialista histórica da antropologia. Suas posições estão perfeitamente representadas pelos discípulos de Franz Boas nos Estados Unidos, Radcliffe-Brown na Inglaterra e Lévi-Strauss na França.

Todos esses narradores, de diversas orientações, repudiam qualquer conceito unificado do progresso histórico do homem, e limitam-se principalmente a estudar as culturas e os costumes de grupos separados de povos primitivos, comparando uns com os outros ou com a sociedade civilizada. Seu objetivo principal é defender que sempre existiu uma variedade ou diversidade de culturas. Tal fato é inegável. Mas uma observação elementar deste tipo não exclui a necessidade científica, mais avançada, de estabelecer as etapas de desenvolvimento social que a humanidade atravessou no curso de sua larga e completa evolução. Sobre um desses "narradores", o professor Leslie A. White, da Universidade de Michigan, disse o seguinte:

> *Além de serem anti-materialistas, são anti-intelectuais e anti-filosóficos – porque olham com desprezo qualquer teorização – e também são anti-evolucionistas. Sua missão é demonstrar que não existem leis nem significados na etnologia, que não existe um ritmo ou uma razão nos fenômenos culturais, que a civilização – nas palavras de R. H. Lowie, o expoente mais ilustre desta "filosofia" – é mais do que uma "mistura sem planejamento" ou "embrulho caótico".*[3]

De fato, este "pacote caótico" não existe nem na história nem na própria pré-história, e sim nas mentes e nos métodos destes antropólogos. Eles seguiram um processo histórico unitário e não o desmembraram, para obterem uma "mistura sem sentido" de dados descritivos. Ao assim proceder, deixaram fora o período mais longo e mais remoto da história da humanidade, que é o período do sistema matriarcal de organização social. Porém, é precisamente este sistema que nos proporciona a informação essencial para compreendermos os problemas relacionados com a mulher e com a família. Continuemos a examinar, pois, este aspecto da pré-história.

Uma das fábulas favoritas de nossa sociedade é a de que as mulheres são por natureza um sexo inferior, e que são inferiores devido a suas funções re-

produtoras. A história se explica assim: a mulher está obrigada a ficar em casa porque tem que cuidar de seus filhos, e portanto seu lugar é o lar. Como "corpo doméstico", naturalmente representa desde o ponto de vista social, um "zero", o "segundo sexo", enquanto os homens, que se sobressaem na vida econômica, política e intelectual, representam um sexo superior. De acordo com esta propaganda patriarcal, as funções maternas da mulher se instrumentalizam para justificar as desigualdades existentes entre os sexos de nossa sociedade e a posição subalterna ocupada pela mulher.

A descoberta do papel dominante assumido pela mulher na sociedade matriarcal primitiva destrói este mito capitalista. A mulher da época selvagem dava à luz seus filhos e continuava livre, independente, e representava o centro da vida social e cultural. Isto vai de encontro a um ponto muito doloroso, porque afeta não somente a "questão feminina" como também a "sagrada família". Tal contraste se agrava pelo fato de que esta igualdade e estas liberdades caminham paralelas também com algumas relações sexuais livres, tanto por parte dos homens como por parte das mulheres, em agudo contraste com as rígidas restrições sexuais impostas à mulher em nossa sociedade dominada pelo homem.

Outro aspecto da vida primitiva difícil de ser aceito pelos conservadores, é o fato de que os primitivos não sabiam e não se preocupavam em saber quem era o pai de cada filho que nascia. Os filhos não eram uma propriedade como os demais artigos de propriedade privada, nem eram estranhos uns aos outros, de acordo com a sua riqueza, classe ou raça de suas famílias. Todos os adultos de um clã se consideravam pais sociais de todas as crianças, e se preocupavam com todos, igualitariamente. Não existia uma situação tão trágica e anormal como a de uma criança super-alimentada de um lado, e do outro crianças abandonadas, doentes ou famélicas. Na sociedade comunitária, em que ainda não existia a família como um núcleo isolado, era inútil e irrelevante saber quem era o pai biológico, ou inclusive a mãe biológica.

Estes perturbadores descobrimentos eram difíceis de digerir, e encontraram grande resistência. As objeções apresentadas pelos dissidentes podem ser resumidas em dois pontos: 1) jamais existiu uma sociedade matriarcal constituída dessa forma; na época selvagem, as mulheres estavam tão degradadas como suas irmãs civilizadas de hoje-em-dia. O máximo que se pode afirmar é que, na "variedade" de culturas existentes, alguns grupos haviam adotado

o curioso costume da descendência e do parentesco matrilinear, ainda que seja preciso se explicar o como e o porquê foi colocada em prática esta situação tão estranha; 2) o núcleo familiar, tal como o conhecemos hoje, não é um produto histórico tardio, como afirmam os primeiros antropólogos e os marxistas; ele sempre existiu e sempre existiu o pai de família.

Estas duas afirmações, de que o matriarcado nunca existiu e de que, ao contrário, sempre existiu o pai de família, desenvolvem-se paralelamente. Formam o principal bloco que dificulta o avanço teórico no campo da antropologia, e a aquisição de um quadro verdadeiro da história primitiva da mulher. Portanto, vamos resumir brevemente algumas provas que depõem a favor da existência inicial do sistema matriarcal de organização social.

O termo "matriarcado" foi institucionalizado depois de ser publicado no estudo de J. J. Bachofen, *Das Mutterrechet*, de 1861, em que o autor assinalava a posição predominante que a mulher tinha na sociedade antiga. Tentando compreender o porquê disso, Bachofen concluía que dada a existência de relações sexuais livres, sendo os pais das crianças desconhecidos, isto proporcionava à mulher um estado privilegiado, em um período que denominou de "direito materno".

Em sua essência, esta tese acentua as funções maternais da mulher como fonte de poder. O resultado parece paradoxo, porque em nossa sociedade a principal razão de que se lança mão para justificar o estado de inferioridade da mulher, é precisamente a sua função procriadora.

Então, como pode ser que aquilo que consideramos a mais grave desvantagem da mulher, ou seja, a sua função materna, pode dar lugar a uma posição preeminente nas sociedades primitivas? Este enigma desconcertante permaneceu sem resposta até 1927, quando Robert Briffault publicou um estudo seu, *As mães*. Nele, Briffault demonstrou que as mulheres haviam adquirido sua posição privilegiada na sociedade primitiva não só por serem procriadoras, mas porque como resultado desta função específica haviam se convertido nas primeiras produtoras de gêneros essenciais para viver. Em outras palavras, em um determinado ponto da luta pela sobrevivência e por nutrir e cuidar das crianças, começaram a empreender o caminho da atividade produtiva, e esta nova função deu-lhes a capacidade de organizar e dirigir as primeiras formas de vida social.

Muitos estudiosos, como V. Gordon Childe, Sir James Frazer, Otis Tufton Mason e Briffault, citaram detalhadamente a ampla gama de atividades

produtivas desenvolvidas pelas mulheres primitivas, e o papel crucial que com isto tiveram na elevação do gênero humano para além da modesta economia da idade selvagem. Resumindo, durante um período em que os homens se ocupavam exclusivamente da caça e da guerra, as mulheres desenvolveram a maior parte dos instrumentos, dos conhecimentos e técnicas que estavam na base do progresso social. Da colheita espontânea de frutos, passaram à horticultura rudimentar e depois à agricultura. Entre a grande variedade de artes que praticavam, incluem-se a cerâmica, a curtição de peles, a tecelagem, a construção de habitações, etc. Foram as mulheres que desenvolveram os rudimentos da botânica, da química, da medicina e outros conhecimentos científicos. Assim, foram não só as primeiras trabalhadoras industriais e as primeiras agricultoras, mas desenvolveram também a sua mente e inteligência graças à variedade de trabalhos que tinham, convertendo-se nas primeiras educadoras ao transmitir seus conhecimentos e sua herança cultural a novas gerações de produtores.

De acordo com o demonstrado por Engels, todas as sociedades se basearam em dois pilares, o da produção e o da procriação. Dessa forma, pode ser que as mulheres – produtoras tanto da nova vida, como dos meios para satisfazer as necessidades materiais

da vida – se converteram na cabeça social e dirigente de suas comunidades. E, se puderam realizar esta tarefa, é porque trabalhavam juntas, sem estarem dispersas em lares separados, onde cada mulher ficasse encerrada para realizar essas mesmas tarefas para seus próprios fins. Podiam fazer isto, porque não existia um poder dominante que as obrigasse a fazer somente o ordenado, restringindo seus esforços.

Isto também explica por que a sociedade primitiva era matriarcal em sua estrutura, e por que as mulheres ocupavam um lugar central na mesma. Suas atividades produtivas eram a fonte de seu poder social. Na América, os aborígenes chamavam suas mulheres de "governadoras" do clã e da tribo, e tinham por elas a mais alta consideração. Quando chegaram os primeiros conquistadores, procedentes das nações patriarcais civilizadas da Europa, onde as mulheres já estavam há tempos subordinadas, ficaram surpreendidos pelo fato desses "selvagens" não poderem tomar decisões coletivas importantes sem consultar as mulheres e sem o consenso destas.

Portanto, temos aqui, com os testemunhos do passado, uma negação do mito de que as mulheres sempre foram um sexo inferior, e que seu lugar sempre foi o lar. Se juntarmos a teoria de Briffault sobre o matriarcado com a teoria do trabalho no início da

sociedade, de Engels, veremos que as mulheres antes de serem "corpos domésticos", foram as criadoras e mantenedoras da primeira organização social da humanidade.

Como Engels demonstrou, a humanidade pôde sair do mundo animal através das atividades produtivas. Mais concretamente, é à metade feminina da humanidade, que iniciou e conduziu estas atividades produtivas, a quem devemos o crédito de uma maior participação no grande ato de criação e elevação do gênero humano. Esta é uma visão da participação que a mulher teve na história muito diferente da visão bíblica de Eva, visão patriarcal que a considerou responsável pela "queda do homem". Na realidade, o que aconteceu no ponto mais importante da evolução social foi a queda da mulher.

Como se produziu esta inversão tão drástica? Na verdade, ela teve início com a introdução de grandes mudanças na estrutura da sociedade, e com o rompimento do antigo sistema comunista (ou comunal). Enquanto as mulheres mantiveram suas instituições coletivas, conseguiram não ser derrotadas; mas quando surgiu o novo sistema de propriedade privada, o matrimônio monogâmico e a família, as mulheres se dispersaram e cada uma se converteu em uma esposa solitária e mãe confinada a um lar

isolado. Enquanto estavam unidas, representaram uma grande força social. Separadas e isoladas umas das outras, e confinadas à cozinha e à educação dos filhos, perderam todo o seu poder. Este processo histórico foi entretanto negado e obscurecido por aqueles que desejam manter os mitos e defendem a existência eterna da instituição matrimonial e da família.

Edward Westermark, que foi considerado durante muito tempo como a máxima autoridade no campo do estudo do casamento e da família, tentou levantar as raízes desta instituição até mesmo no próprio mundo animal. Sua tese é equivocada, porque não faz distinção entre necessidades naturais e funções que compartilhamos com os animais, e as instituições sociais exclusivamente criadas pelo ser humano. Dessa forma, ao mesmo tempo que compartilhamos com os animais as funções fisiológicas do sexo e da procriação, nada existe no mundo animal que se pareça com a instituição do casamento e da família patriarcal. Até certo ponto, podemos falar de uma família materna, ainda que a forma mais exata de denominá-la seja "descendência materna". Na natureza, é a mãe quem alimenta e cuida de seus descendentes, até que estes estejam suficientemente maduros para cuidarem de si mesmos. Então, até

mesmo esta família matriarcal é rompida, e os indivíduos se dispersam cada um para o seu lado.

Quando passamos do mundo animal para o mundo humano antigo, não encontramos ainda a família. Encontramos a gens materna ou clã. Em outras palavras, a sociedade antiga não era somente um matriarcado, mas um fratriarcado – uma "irmandade" de homens. Para as crianças, todas as mulheres maiores eram "mães", e todos os homens maiores eram "irmãos das mães" ou "tios maternos". Na verdade, em muitas línguas primitivas, a palavra "clã" também é traduzida como "maternidade" ou "irmandade".

Esta sociedade baseada no clã representa uma diferença significativa frente às condições de vida animal. Não existe uma irmandade de machos no mundo animal. Ao contrário, o mundo da natureza está submetido a discórdias e à luta dos animais que competem entre si para conseguirem alimentos e um par. Na sociedade tribal, por outro lado, todos os homens do clã estavam unidos solidária e fraternalmente sobre a base dos princípios coletivistas da vida produtiva e social.

Esta posição dos homens como irmãos das mães é uma das provas mais significativas da prioridade do sistema matriarcal. Em todo o mundo primitivo, e enquanto não havia aparecido ainda a família paterna ou esta se encontrava pouco desenvolvida, eram os irmãos das mães que realizavam aquelas funções que em nossa sociedade são assumidas pelos pais. Uma boa descrição desta instituição é fornecida pelo antropólogo E. Adamson Hoebel:

A base nuclear do susu *(matriarcado) é a relação de parentesco entre irmão e irmã. O marido não tem nada a ver... exceto seu papel como procriador; é substituído total ou parcialmente pelo irmão da mãe... o peso principal da educação das crianças para que assumam o trabalho dos homens recai sobre o irmão da mãe. Seus sobrinhos herdam quase todos os seus bens... ali, onde o susu está fortemente institucionalizado, o pai, tal como o conhecemos, fica totalmente fora do jogo*.[4]

Estes dados sobre o clã mãe/irmão, como unidade econômica original da sociedade tribal, negam a afirmação de que sempre haja existido o pai de família. Normalmente esta afirmação se assenta sobre a base da dependência econômica da mulher: se não houvesse maridos, quem manteria as mulheres e seus filhos? Em outras palavras, fazem com que acreditemos que as mulheres sempre foram seres indefesos e dependentes, e que sem um pai de família na cabeça de cada uma das pequenas unidades familiares,

a sociedade acabaria praticamente entrando em colapso. Mas os acontecimentos do início da história da humanidade nos provam o contrário. A sociedade primitiva não só sobreviveu, mas prosperou, e isso porque no sistema comunitário, todas as mulheres cumpriam coletivamente as suas funções maternas, e todos os homens cumpriam coletivamente as funções paternas, frente a todas as crianças da comunidade. Nenhuma mulher dependia de *um* homem para o seu sustento, e nenhuma criatura dependia de *um* pai ou inclusive de *uma* mãe para se manter.

Com o passar do tempo, apareceram os primeiros "casais maritais" ou "famílias casadas", e os maridos das mulheres conseguiram suplantar os irmãos do clã como novos participantes econômicos no sistema. Não obstante, enquanto a comunidade reteve seus princípios coletivistas, não chegou a existir uma dependência ou desigualdade familiar. Toda a sociedade satisfazia as necessidades de cada um de seus membros, e todos os adultos eram, socialmente falando, "mães e pais" de todas as crianças da comunidade. A irmandade continuava sendo a base das relações sociais.

Quando os conquistadores europeus chegaram na América à procura de ouro e encontraram os indígenas que habitavam este continente, nenhuma das duas partes pôde compreender o modo de pensar, os

costumes e o nível de desenvolvimento da outra; falavam diferentes linguagens sociais. Por exemplo, quando o padre Le Jeune pergunta a um índio iroquês como podia amar tanto os garotos que sabia não serem seus filhos, o índio o olhou insolentemente e respondeu: "Tu és insensato. Amas somente seus próprios filhos, nós amamos todas as crianças da tribo... para elas, todos somos pais e mães".

Outro missionário jesuíta, confuso com o contraste entre a sociedade civilizada, estúpida e ávida por dinheiro que havia deixado na Europa, e a generosidade dos indígenas entre os quais havia se estabelecido, escreve o seguinte:

> *Estes selvagens não fazem distinção entre o que é meu e o que é seu, e podemos dizer que o que pertence a alguém, também pertence a um outro... somente os cristãos que vivem nas nossas cidades utilizam o dinheiro. Os outros não o tocam. Eles o chamam de "serpente dos franceses", e dizem que entre nós a gente rouba, calunia, trai e vende-se um ao outro por dinheiro... consideram estranho que alguém possa ter mais bens do que um outro, e que aqueles que possuam mais sejam mais estimados que aqueles que possuem menos. Eles nunca brigam nem lutam entre si, nem roubam uns aos outros nem se caluniam.*[5]

A desintegração desta sociedade comunal se iniciou há uns seis ou oito mil anos, com a introdução da agricultura extensiva e da criação de gado em grande escala. Estes sistemas permitiram uma acumulação material necessária para se chegar a uma economia mais eficiente e a um novo modo de vida. A agricultura exige grupos de pessoas estabelecidas em torno de um pedaço de terra, para cultivar o solo, criar o gado e trabalhar nas indústrias do lugar. A antiga comuna tribal, já em plena decomposição, começou a ceder em todos os terrenos. Primeiro, formaram-se os clãs separados, denominados frequentemente "famílias amplas", e finalmente a família individual, que hoje é chamada de "família nuclear". Foi no decorrer deste processo que a família paterna chegou a substituir totalmente o clã como unidade fundamental da sociedade.

É bastante significativo o fato de que no primeiro período agrícola muitas famílias patriarcais ainda trabalhavam sobre a base dos princípios de igualdade e de democracia herdados do passado. Em se tratando de famílias agrícolas, constituíam grandes núcleos produtivos, e todos os seus membros trabalhavam conjuntamente para se manterem e manterem seus próprios filhos e os velhos. Além disso, todas as famílias de uma comunidade agrícola cooperavam nos empreendimentos de maior projeção, como a preparação de novas terras, o plantio e armazenamento da colheita e dos grãos, a construção de habitações, os projetos de irrigação etc. Os pais destas famílias constituíam os pais do lugar, que supervisionavam estes trabalhos e se preocupavam com o bem-estar de toda a comunidade. Nestas condições de vida familiar coletiva, as mulheres continuavam mantendo uma posição de relativo prestígio na vida produtiva e social.

Não obstante, começaram a se introduzir no jogo novas forças sociais procedentes do Oriente Médio, o setor do mundo que foi chamado de "cunha da civilização", e que minou e destruiu as relações coletivas, introduzindo um novo sistema baseado na propriedade privada, na família e no Estado. A maior parte das riquezas acabou nas mãos de uma minoria privilegiada que conseguiu dominar e dirigir a comunidade, bem como explorar um número maior de trabalhadores. Entre os antigos pais do lugar, começaram a surgir os reis-sacerdotes, os nobres, os guerreiros e seus séquitos, que viviam em templos e palácios e governavam o resto da população. Começaram com reinos do tipo agrícola e amadureceram-se com as civilizações grega e romana, surgindo os poderes

opressores do Estado para dessa forma legalizar e perpetuar o governo da classe rica sobre as massas trabalhadoras.

Este processo não só destruiu a irmandade ou "fraternidade entre os homens", como também o matriarcado. Os juristas romanos que codificaram as leis sobre a propriedade privada formularam também o princípio do "patria potestas", ou seja, todo poder aos pais. Briffault nos diz o seguinte, sobre as origens da constituição patriarcal da sociedade de classes:

> *O princípio patriarcal, a lei pela qual o homem transmite a propriedade a seu filho, foi evidentemente uma inovação dos patrícios, ou seja, dos partidários da ordem patriarcal, dos ricos, dos proprietários. Estes desintegraram o primitivo clã materno, formando famílias patriarcais que "dirigiam fora do clã". Os patrícios estabeleceram a linha de descendência paterna, e consideraram o pai e não a mãe como base de parentesco.* [6]

Muito mais grave que esta modificação na base do parentesco, foram as novas leis sobre a propriedade. Antes, toda a propriedade era comunitária e entregue pelos clãs maternos aos clãs de filhas, em benefício de todos os irmãos e irmãs que pertenciam ao clã. Agora, a propriedade era somente do pai individual, e era transmitida, dentro da linhagem familiar, de pai para filho. Os membros femininos da família eram mantidos pelo pai até se casarem, e então a responsabilidade de seu sustento passava para seus maridos. Acontece, entretanto, que o domínio e o poder do homem não derivam de nenhuma superioridade biológica, física ou mental do macho sobre a fêmea, e sim das exigências sócio-econômicas de sua recente aquisição do monopólio da propriedade, e de sua transmissão através da linhagem de descendência masculina.

Foram as drásticas mudanças sociais impostas pelas instituições da classe patriarcal, na forma de família, propriedade privada e Estado, o que conduziu ao derrocamento histórico do sexo feminino. Na nova sociedade os homens se converteram em principais produtores, enquanto as mulheres eram trancadas em casa e ficaram limitadas à servidão familiar. Desalojadas de seu antigo lugar na sociedade, não somente se viram privadas de sua independência

econômica, como, inclusive, de sua antiga liberdade sexual. A nova instituição do matrimônio monogâmico surgiu para servir as necessidades da propriedade, que a partir de então era possuída pelo homem.

Um homem rico necessita de uma mulher que lhe dê herdeiros legais, que sejam portadores de seu nome e que herdem sua propriedade. Por esta razão a monogamia foi introduzida e pôde prevalecer. Na verdade, significou sempre monogamia somente para a mulher, já que somente a mulher era gravemente castigada pelo marido ou pela lei quando quebrava os votos matrimoniais. Reprimida por todos, a mulher se converteu em um animal doméstico, cuja função fundamental na vida era a de servir o marido, que era seu patrão e dono. O próprio termo "família", que começou a ser usado então, originalmente significa escravidão doméstica. Engels diz:

> Famulus *significa escravo doméstico, e* família *é o conjunto de escravos que pertencem a um só homem... esta expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo corpo social, cujo chefe possuía uma mulher, filhos e um número de escravos submetidos a ele e sobre os quais possuía, de acordo com a lei romana, o direito de dispor de sua vida e de sua morte.*[7]

Não é do conhecimento de todos o fato de que originalmente o matrimônio legal foi instituído somente para as classes proprietárias. As pessoas trabalhadoras, que viviam de seu trabalho agrícola, simplesmente se juntavam, tal como acontecia no passado, já que na sociedade primitiva o matrimônio legal não era necessário nem desejável. Mas com o surgimento da vida urbana e da igreja, gradualmente o matrimônio se estendeu a toda a população industrial, com o propósito de obrigar legalmente os que trabalhavam a manter sua mulher e filhos que não possuíam outros meios de subsistência. Segundo os sociólogos americanos Reuter e Runner, as consequências foram as seguintes:

> *Quando a mulher deixou de produzir, se converteu em um ser dependente. A total manutenção da mulher e da família passou a ser responsabilidade do homem, e o matrimônio, pela primeira vez na existência da humanidade, converteu-se em um peso econômico grave. Foi apoiado pela lei e pela religião, e reforçado com uma nova idéia: a de que a manutenção das mulheres e filhos era uma obrigação natural e um dever do homem.*[8]

Em outras palavras, surge um novo mito para ocultar o fato de que não somente as mulheres, mas também os trabalhadores eram submetidos à exploração e roubo da sociedade capitalista. Antigamente, era toda a comunidade que mantinha e protegia seus membros, adultos ou crianças, desde o berço até a tumba. A partir de agora, esta imensa responsabilidade é limitada a cada unidade familiar isolada, que deve cumpri-la da melhor forma possível. Longe de ser o que realmente dizem que representam, o matrimônio e a família converteram-se em um cárcere, no qual todo o peso da manutenção da família de dependentes recai sobre um progenitor, ou, como máximo, sobre os dois pais. Mas, pior ainda, não existem garantias de que o pai ou a mãe tenham um trabalho garantido ou um salário adequado para responder às suas obrigações.

Aqui está, então, o panorama histórico que nos permite observar a grande importância que possui a antropologia como guia para o estudo da situação da mulher e da família. É capaz de destruir muitos mitos que foram propagados sobre este tema, e nos oferece uma visão da realidade dos fatos.

Por exemplo, de acordo com o Antigo Testamento, dizem-nos que o mundo começou a existir há uns cinco mil anos, quando na realidade foi somente o

mundo patriarcal que começou a existir a partir daquele tempo, e este foi precedido por quase um milhão de anos de história matriarcal. Assim mesmo, dizem que nossa sociedade, baseada na propriedade privada, com suas determinações, opressões, egoísmo e avidez, existiu sempre, e que seus males são devidos à "natureza humana" imutável. Sem dúvidas, a antropologia nos ensina que nas sociedades primitivas existiu uma forma totalmente diferente de natureza humana, e exatamente porque aquela era uma sociedade coletivista.

Por fim, sempre nos dizem que as mulheres foram sempre o sexo inferior, e isso devido às suas funções de progenitoras. A mãe-natureza é responsabilizada pela degradação das mães da raça humana. Uma vez mais, a antropologia nos ensina exatamente o contrário. Não foi a natureza, e sim a sociedade de classes, a responsável pela desigualdade sexual. Precisamente quando a sociedade comunitária foi derrotada, estas antigas governantas da sociedade foram também derrotadas e isoladas, dispersadas e separadas em seus lares solitários, e ficaram limitadas a tarefas sufocantes da cozinha e de cuidar das criadas.

Todos esses conhecimentos que podemos conseguir através do estudo da pré-história não só ajudarão a mulher a compreender seu dilema, mas

também lhes proporcionarão diretrizes sobre como proceder na luta pela sua emancipação, que agora começa a surgir. Mais importante ainda, as mulheres começaram a sair de seus pequenos lares isolados para se reunirem nas ruas, em manifestações de protesto, tanto contra a guerra[9] como a favor de outras reivindicações que afetam especificamente as mulheres. Todos estes movimentos estão ainda em sua fase inicial, mas são dignos de vitórias ainda mais importantes que estão para acontecer.

Nesta nova fase da luta, é imprescindível que as mulheres possam elaborar uma teoria e um programa que respondam às suas necessidades e lhes permitam alcançar seus objetivos. Isto ainda está por se fazer. Por exemplo, o *New York Times* entrevistou no ano passado algumas mulheres do grupo de liberação chamado NOW (Organização Nacional para as Mulheres), liderado por Betty Friedan, autora de *A mística da feminilidade*. O artigo do *Times* intitulava-se "A segunda onda feminista". A primeira surgiu no século passado, com o movimento das sufragistas. Naquele momento, as mulheres conquistaram um certo número de importantes reformas: o direito de possuir propriedades em seu nome, o direito de voto etc. E neste artigo a revista pergunta: "O que desejam agora estas mulheres?"

De acordo com os cartazes que as mulheres levavam em suas manifestações, o que desejam são mais direitos: o direito de melhores trabalhos e melhores salários; o direito de aborto; mais postos em cargos de governo etc. No geral, o artigo resume as reivindicações como de "plena igualdade para todas as mulheres da América, em igualdade real e autêntica com os homens, AGORA". Mas não menciona as pressões de classe que impediram essa igualdade, nem fala sobre os métodos de luta necessários para se conquistar essas reivindicações.

Outras tendências, e entre elas o Movimento de Liberação da Mulher situado em Boston, buscam seriamente um programa básico e uma orientação correta. Alguns, como a organização chamada SCUM[10] (Sociedade para a Exclusão dos Homens) pouco têm a oferecer além de sua filosofia de "ódio ao homem". Os nomes pitorescos e as atitudes agressivas de grupos como o WITCH (As bruxas), a "Internacional de Conspiração Terrorista das Mulheres do Inferno", fizeram um certo escândalo. Isto não é de todo mau, porque chama a atenção sobre o fato de que as mulheres se opõem conscientemente à supremacia machista e desafiam abertamente o mito da superioridade do homem.

As novas idéias e passos ativos que são dados em geral provocam escândalo, precisamente porque rompem com o *status quo* e incomodam aqueles que estão satisfeitos com as coisas, tais como elas se apresentam. No entanto, não é suficiente somente o causar sensação. É essencial conseguir uma firme base teórica para exercer uma ação consistente, dirigida à consecução de uma importante mudança social. E isto é o que tentei fazer com este discurso.

O MITO DA INFERIORIDADE DA MULHER

De um modo geral, uma das principais características do capitalismo e da sociedade de classes, é a desigualdade entre os sexos. Na vida econômica, cultural, política e intelectual, os homens são os amos, enquanto as mulheres cumprem um papel de subordinadas e inclusive de submissas. Só muito recentemente a mulher começou a sair da cozinha e dos quartos das crianças para protestar contra o monopólio do homem. Mas a desigualdade inicial permanece.

Esta desigualdade entre os sexos caracterizou a sociedade de classes desde o seu início já há cerca de dois mil anos, permanecendo através de seus três períodos mais importantes: escravagismo, feudalismo e capitalismo. Por esta razão, a sociedade de classes

se caracteriza essencialmente pela dominação masculina, e esta dominação foi difundida e perpetuada pelo sistema da propriedade privada, pelo Estado, pela Igreja e pelas instituições familiares que servem aos interesses dos homens. Com base nesta situação histórica divulgou-se o mito da pretendida superioridade social do sexo masculino. Geralmente, diz-se como um axioma imutável que os homens são socialmente superiores porque são naturalmente superiores. De acordo com este mito, a supremacia masculina não é um fenômeno social característico de um momento determinado da história, mas sim uma lei natural. Os homens, afirma-se, foram dotados pela natureza de atributos físicos e mentais superiores.

Para a mulher, propagou-se um mito equivalente, de defesa desta pretendida superioridade do homem. Afirma-se – como axioma imutável – que as mulheres são *socialmente* inferiores, porque são *naturalmente* inferiores aos homens. E qual a prova disso? Que as mulheres são mães. Afirma-se que a natureza condenou o sexo feminino a uma posição inferior.

Isto é uma falsificação da história natural e social. Não é a natureza, e sim a sociedade de classes que rebaixou a mulher e elevou o homem. Os homens obtiveram sua supremacia social através da luta contra a mulher e suas conquistas. Mas esta luta contra

os sexos era somente uma parte da grande luta social: o desaparecimento da sociedade primitiva e a instituição da sociedade de classes. A inferioridade da mulher é produto de um sistema social que causou e proporcionou inumeráveis desigualdades, inferioridades, discriminações e degradações. Mas esta realidade histórica foi dissimulada atrás de um mito da inferioridade feminina.

Não foi a natureza, e sim a sociedade quem roubou da mulher seu direito de participar nas tarefas mais altas da sociedade, exaltando somente suas funções animais de maternidade. E este roubo foi perpetuado mediante urna dupla mistificação. Por um lado, a maternidade se apresenta como uma aflição biológica. Por outro, esse materialismo vulgar se apresenta como algo sagrado. Para consolar as mulheres como cidadãs de segunda classe, as mães são santificadas, adornadas com uma auréola e dotadas de "intuições" especiais, sensações e percepções que vão além da compreensão masculina. Santificação e degradação são simplesmente dois aspectos da exploração social da mulher na sociedade de classes.

Mas isto não existiu sempre: possui somente alguns milhares de anos. Os homens não foram sempre o sexo superior, uma vez que não foram sempre os dirigentes industriais, intelectuais e culturais.

Pelo contrário, na sociedade primitiva, em que as mulheres não eram nem santificadas nem degradadas, eram elas as dirigentes da sociedade e da cultura. A sociedade primitiva era um matriarcado, o que significa, como indica a própria palavra, um sistema no qual quem organizava e dirigia a vida social não eram os homens, mas as mulheres. Mas a distinção entre os dois sistemas sociais vai muito além desta mudança de papel de dirigente dos dois sexos. A direção social das mulheres na sociedade primitiva não estava fundada sobre a opressão do homem. Pelo contrário, a sociedade primitiva não conhecia desigualdades sociais, inferioridades ou discriminações de qualquer espécie. Estava fundada sobre uma base de completa igualdade. Portanto, de fato, através da direção das mulheres, os homens passaram de uma condição atrasada a um papel social e cultural mais elevado.

Nesta sociedade primitiva, longe de ser vista como um sofrimento ou um símbolo de inferioridade, a maternidade era considerada um grande dom da natureza. A maternidade investia as mulheres de poder e prestígio; e havia boas razões para que tal acontecesse.

A humanidade nasce do reino animal. A natureza dotou somente um dos sexos, o feminino, com órgãos e funções procriadoras. Este dom biológico foi o que de fato tornou possível a transição do reino animal ao humano. Como demonstrou Robert Briffault, em seu livro *The Mothers* (As Mães), graças aos cuidados de alimentar, cuidar e proteger seus filhos.

No entanto, como demonstraram Marx e Engels, todas as sociedades, tanto as passadas como a presente, fundamentam-se no trabalho. Não era somente a capacidade das mulheres de reproduzir que teve um papel decisivo, uma vez que todas as fêmeas animais dão à luz. Para a espécie humana foi decisivo o fato de que a maternidade impulsiona o trabalho, e sobre a fusão da maternidade com o trabalho, fundou-se, na verdade, o primeiro sistema social.

As mães foram as primeiras que tomaram o caminho do trabalho, e com este iniciou-se o caminho da humanidade.

Foram as mães quem se converteu na maior força produtiva; as operárias e camponesas, as dirigentes da vida científica intelectual e cultural. E conseguiram tudo isso precisamente porque eram mães: e, de início, a maternidade se fundia com o trabalho. Esta união permanece até hoje em dia na linguagem

dos povos primitivos, em que o termo *mãe* significa *procriadora-produtora*.

Mas, com tudo isso, não concluímos que as mulheres, por natureza, são o sexo superior. Cada sexo foi produto de uma evolução natural e cada um possui seu papel específico e indispensável. Sem dúvida, se tivéssemos que falar em termos de liderança social, para as mulheres do passado como para os homens de hoje, diríamos que as mulheres na sociedade foram, antes que os homens, dirigentes. E por um longo período de tempo.

Nesta apresentação, nosso objetivo é o de destruir de uma vez por todas o mito perpetuado pela sociedade de classes de que as mulheres são naturalmente inferiores. Ante tudo, a forma mais eficaz para demonstrar isso é a análise detalhada do trabalho das mulheres nas sociedades primitivas.

Controle sobre os alimentos

Em qualquer tipo de sociedade, a busca de alimentos foi sempre a preocupação mais imediata, porque se os homens não se alimentassem, seria impossível a existência de qualquer trabalho. Enquanto os animais vivem sempre procurando comida, dia a dia, a humanidade teve que estabelecer algumas normas

de controle sobre suas provisões para poder progredir e desenvolver-se. Controle significa não só alimento suficiente para hoje, mas um excedente para amanhã e a capacidade de conservá-lo para o futuro. Partindo deste ponto de vista, a história humana pode ser dividida em dois períodos principais: o período da coleta de alimentos, que dura uns cem mil anos, e o período da produção de alimentos, que se inicia com a invenção da agricultura e a domesticação de animais, há mais de oito mil anos.

Na primeira época, a divisão do trabalho era muito simples. Geralmente, é descrita como uma divisão entre os sexos, ou divisão de trabalho entre o macho e a fêmea (as crianças davam sua contribuição assim que possível: as meninas eram educadas para trabalhos femininos e os meninos para trabalhos masculinos). Esta divisão de trabalhos determinava uma diferenciação entre os sexos nos métodos e na maneira de recolher comida. Os homens eram caçadores, ocupação de tempo integral que os mantinha longe de casa ou do acampamento durante períodos mais ou menos longos. As mulheres recolhiam os produtos vegetais do campo e das proximidades das habitações.

Portanto, devemos compreender que, com exceção de áreas particulares do mundo e em um período

histórico determinado, a fonte mais segura de provisões alimentares não eram os animais (proporcionados pelos homens), mas sim os vegetais (proporcionados pelas mulheres).

Otis Tufton Mason escreve

> *Em todos os lugares do mundo em que a raça humana avançou, as mulheres descobriram que os produtos típicos daquela terra se transformariam em sua segurança. Na Polinésia, o cará ou a árvore da fruta-pão; na África a palmeira e a mandioca, o milho e a batata-doce. Na Europa, os cereais. Na América, o trigo e a batata etc...*[11]

Alexander Golden Weiser enfatiza

> *Em todas as partes do mundo a manutenção da família é garantida com maior regularidade e certeza pelas tarefas da mulher, ligada à casa, do que pelas do marido ou filhos caçadores que estão longe. Realmente, nos povos primitivos, era um espetáculo habitual o homem voltar ao lar depois de uma caçada mais ou menos árdua, com as mãos vazias e morto de fome. Portanto, as provisões vegetais deviam bastar para suas necessidades e para as do restante da família*[12]

Então, podia-se contar com as provisões alimentícias que as mulheres recolhiam, e não os homens. Mas as mulheres também eram caçadoras, embora praticassem um outro tipo distinto de caça. Além de desenterrarem raízes, tubérculos etc., recolhiam lagartos, aves, lagartixas, moluscos e outros pequenos animais como lebres, roedores etc. Esta atividade era de fundamental importância, pois parte desta caçada era levada viva aos acampamentos, e foram a base das primeiras experiências com a domesticação.

Portanto, foi sob a direção das mulheres que se iniciaram as técnicas mais importantes de domesticação de animais, técnicas que logo alcançariam o nível mais alto com a criação dos animais. O fato da mulher domesticar animais tem relação com seu instinto materno. Sobre isso, diz Mason:

> *A primeira domesticação é simplesmente a adoção dos filhotes abandonados. O caçador traz para casa um cabrito ou um cordeiro, vivos. A mulher e as crianças tratam dele e o acariciam, e inclusive ela o amamenta no peito. Pode-se apontar exemplos intermináveis de como as mulheres sabiam capturar e domesticar os animais da selva. De todas as formas, as mulheres se ocuparam, em grande parte, dos animais que forneciam leite e lã.*[13]

Vemos que, enquanto um aspecto da atividade feminina no campo – a coleta de alimentos –nos leva à domesticação de animais, um outro aspecto nos conduzirá ao descobrimento da agricultura. Um dos trabalhos da mulher era escavar a terra com uma estaca – um dos primeiros utensílios da humanidade – para buscar alimentos. Ainda hoje, em algumas regiões subdesenvolvidas do mundo, a estaca é considerada parte inseparável da mulher, como um filho seu. Por exemplo, quando os homens brancos descobriram os índios *shoshones* de Nevada e Wyoming, deram-lhes o nome de "os escavadores" (*the diggers*) porque inclusive hoje usam esta técnica para procurar alimentos.

Graças precisamente a esta atividade, as mulheres finalmente descobriram a agricultura. Sir James Frazer nos dá uma bonita descrição deste processo, em seus primeiros estágios.

Tomando como exemplo os nativos de Victoria Central, na Austrália, escreve:

> *O instrumento que usavam para tirar raízes do solo era um pau que media cerca de 7 a 8 pés de comprimento, endurecido a fogo, e com uma ponta no final, que lhes servia de arma, tanto ofensiva como defensiva. A partir daqui, podemos descobrir quais foram os passos dados para se chegar ao cultivo sistemático do solo.*
>
> *Um pau comprido é enterrado no solo e sacudido várias vezes para remover a terra que, por sua vez, é recolhida com a mão esquerda e jogada para outro lado. Desta forma escavam rapidamente, mas a quantidade de trabalho é demasiadamente grande em relação aos resultados. Para recolher uma batata com uma circunferência de meia polegada aproximadamente, devem escavar um buraco de um pé de largura por dois de profundidade, como mínimo. As mulheres e as crianças dedicam uma parte considerável de seu tempo a este trabalho.*
>
> *Nos terrenos férteis, onde a batata-doce cresce em abundancia, a terra é peneirada. O efeito de escavar a terra ao redor das raízes e das batatas-doces propiciou o enriquecimento e a fertilização do solo, e desta maneira aumentou a coleta de raízes e ervas. A queda da semente na terra anteriormente revolta com o pau, contribuiu para se obter um resultado idêntico. Além disso, as sementes levadas pelo vento, pouco depois davam outros frutos.*[14]

Com o passar do tempo, as mulheres aprenderam a ajudar a natureza, retirando as ervas daninhas dos campos e protegendo as plantas que estavam crescendo. Finalmente, aprenderam também a plantar e semear.

Não só a quantidade e a qualidade foram melhoradas, mas também foram descobertas novas espécies de plantas e vegetais. Chapple e Coon dizem:

Com o cultivo, o processo seletivo produziu muitas novas espécies de vegetais ou alterou profundamente as características das já existentes. Na Melanésia chegam a fazer crescer batatas de seis pés de comprimento e cerca de um pé de espessura, e inclusive mais que isso. Enquanto que as míseras raízes que os australianos tiram da terra não são maiores do que um grão-de-bico.[15]

Vejamos como Mason resume os passos dados na agricultura:

A evolução da agricultura primitiva passa pela busca de vegetais, a fixação das habitações próximas dos mesmos, a escavação do terreno, o semear, o cultivo manual e finalmente com a utilização de animais domésticos.[16]

Segundo Gordon Childe, todas as plantas comestíveis, como também o linho e o algodão, foram descobertas pelas mulheres, em épocas primitivas[17].

A descoberta da agricultura e da domesticação de animais permitiu ao gênero humano superar o estágio da coleta de alimentos e passar ao seu cultivo. Isso representou para a humanidade a primeira vitória sobre o problema das provisões de víveres. Esta conquista foi realizada pela mulher. A grande Revolução Agrícola, que proporcionou alimento aos homens e aos animais, foi a coroação do trabalho produtivo feminino que se iniciou no dia em que se utilizou a estaca para cavar a terra.

De qualquer forma, poder controlar a provisão de alimentos significou muito mais que confiar simplesmente na fertilidade da natureza. Para a mulher, significou principalmente entregar-se a seu trabalho, à experiência, às suas capacidades de inventar e inovar. As mulheres tiveram que descobrir todos os métodos particulares de cultivo adaptados a cada espécie de planta ou semente. Tiveram que aprender as técnicas da colheita, da limpeza do grão, da moenda etc., e inventar todos os utensílios adequados para cultivar

o terreno, recolher e guardar a colheita, e, finalmente, transformá-la em comida.

Em outras palavras, a luta pelo controle dos alimentos trouxe não só o desenvolvimento agrícola, mas proporcionou as bases iniciais para a produção e para a ciência.

Escreve Mason:

> *Toda a vida industrial da mulher foi construída a partir da provisão de alimentos. Desde a primeira viagem a pé, para buscá-los, até o momento de cozinhá-los e comê-los, realizaram uma série de experiências que continuaram e que eram próprias das circunstâncias vividas.*[18]

A mulher na indústria, na ciência e na medicina

A primeira divisão de trabalho entre os sexos é frequentemente descrita de uma forma muito simplificada e deformada. Diz-se que os homens eram caçadores ou guerreiros, enquanto as mulheres permaneciam no acampamento ou em casa para cuidar dos filhos e fazer a comida. Tal descrição dá a impressão de que a família desta época era idêntica à família moderna. Enquanto os homens se ocupavam

de todas as necessidades sociais, as mulheres tratavam somente da cozinha e dos filhos. Este conceito é realmente uma grande distorção dos fatos.

Com exceção da divisão de trabalho na busca de alimentos, não existia entre os sexos nenhuma outra diferença, nem nas formas mais elevadas de produção, pela simples razão de que toda atividade industrial na sociedade estava nas mãos das mulheres. Por exemplo, o cozinhar não deve ser entendido como nós o entendemos na família moderna. Cozinhar era somente uma das técnicas que as mulheres adquiriram como o resultado do descobrimento e uso do fogo e da capacidade de utilizar o calor.

Todos os animais da natureza temem o fogo e se afastam dele. E, sem dúvidas, o descobrimento do fogo tem pelo menos meio milhão de anos, inclusive antes mesmo da humanidade ter alcançado um nível completamente humano. Sobre isso, escreve Gordon Childe:

> *Conseguindo utilizar o fogo, o homem controlava uma força física potente e uma importante transformação química. Pela primeira vez na história, um ser vivo conseguia controlar uma das forças da natureza. E o uso de uma força condiciona quem a controla... Ao acender e apagar o fogo, ao transportá-lo e usá-lo,*

o homem conseguiu distanciar-se completamente do comportamento dos outros animais. O homem afirmou sua humanidade e se converteu em Homem.[19]

Todas as bases técnicas da cozinha, que se seguiram ao descobrimento do fogo, foram inventadas pelas mulheres: cozinhar, assar, servir, etc. Estas técnicas implicavam experiências constantes sobre as propriedades do fogo e sobre a utilização do calor. Foi precisamente graças a essas contínuas experiências que a mulher conseguiu desenvolver as técnicas de conservação dos alimentos. Com a aplicação do fogo e do calor, conseguiu dissecar e conservar, para as exigências futuras, tanto os animais como os vegetais.

Mas o fogo representou muito mais. O fogo é, por excelência, o instrumento da sociedade primitiva; pode ser comparado ao controle e uso da eletricidade e inclusive da energia atômica na idade moderna. E foi a mulher quem desenvolveu as primeiras formas de indústria e, ao mesmo tempo, quem descobriu o uso do fogo como instrumento de seu trabalho.

A primeira atividade industrial da mulher estava centrada na busca de todo tipo de alimentos. Preparar e conservar a comida pressupõem a invenção de todo o equipamento subsidiário: vasilhas, utensílios,

fornos, armazéns etc. As mulheres construíram as primeiras despensas, celeiros, depósitos para alimentos. Alguns desses celeiros consistiam em buracos cavados na terra, revestidos de palha. Nos terrenos pantanosos ou úmidos fincaram paus, e sobre estes construíram depósitos. A necessidade de proteger os alimentos dos répteis e outros pequenos animais foi resolvida com a domesticação de outro animal, o gato. Mason escreve:

Pela invenção dos celeiros e proteção dos alimentos de pequenos animais, o mundo deve agradecer à mulher pela domesticação do gato... A mulher amansou o gato selvagem para a proteção de seu celeiro.[20]

Foi sempre a mulher quem conseguiu distinguir as substâncias nocivas dos alimentos. Com o uso do fogo, transformava os alimentos, que em seu estado natural não eram comestíveis, em um alimento novo.

Novamente citando Mason:

As mulheres desses países compreenderam que cozinhando ou simplesmente fervendo, podiam transformar em comestíveis plantas que em seu estado natural são venenosas ou demasiado ásperas e picantes.
Por exemplo, a mandioca é venenosa em seu estado

natural. Mas a mulher conseguiu transformá-la em um alimento-base através de um complicado processo de compressão, utilizando uma prensa primitiva, para eliminar as substâncias venenosas e depois cozinhando-a para eliminar qualquer outro resíduo desagradável.

Muitas outras plantas e substâncias não-comestíveis foram usadas pelas mulheres em suas atividades industriais, ou transformadas em medicamentos. O Dr. Dan Mckenzie catalogou uma centena de medicamentos homeopáticos descobertos pelas mulheres, precisamente devido ao seu profundo conhecimento da vida vegetal. Alguns desses medicamentos são usados ainda hoje, sem qualquer modificação. Outros foram modificados ligeiramente. Entre eles, existem muitas substâncias usadas por suas propriedades narcóticas.

A mulher, por exemplo, descobriu a propriedade da resina do pinho, da trementina e do azeite de chaulmoogra, que atualmente é usado como remédio contra a lepra. Descobriu elementos medicinais na acácia, no amendoim, na seringueira, na cevada e assim sucessivamente. Estes descobrimentos deram-se na América do Sul, na China, na Europa, no Egito etc., de acordo com a região natural dessas plantas.

Inclusive, as mulheres conseguiram transformar substâncias animais em medicamentos. Transformaram, por exemplo, o veneno da serpente em um soro contra as mordidas deste réptil (igual ao preparado que atualmente conhecemos como antídoto).

Na indústria ligada à conservação dos alimentos começava-se a sentir necessidade de recipientes e vasilhas de todos os tipos para conservar, transportar e cozinhar os alimentos. E, nas diferentes partes do mundo, nasceram os primeiros recipientes de madeira, de pele, de cortiça. Só mais tarde a mulher descobriu a técnica da cerâmica.

O fogo também era usado na fabricação de utensílios de madeira. Mason descreve esta técnica, e pode-se então compreender facilmente como se passa rapidamente à construção das primeiras canoas e embarcações.

Queimavam com cuidado a parte côncava, controlando a chama. Logo estas maravilhosas e versáteis mulheres deixavam de lado o fogo e, improvisando uma escova de madeira, cortavam os resíduos. Com uma lâmina de pedra, raspavam a resina até obter uma superfície de madeira completamente lisa. A parte côncava era raspada e queimada até se obter

a forma desejada. Completa a bacia, estava pronta para ser usada como panela.[21]

Com esta transformação, uma substância como a madeira, que é facilmente consumida pelo fogo, podia ser usada como recipiente para cozinhar e, portanto, ser colocada no fogo.

Mas estas primeiras atividades femininas, que nasceram exatamente da luta pela conservação dos alimentos, superaram rapidamente este limitado horizonte. Logo que uma necessidade era satisfeita, nasciam outras, e estas, por sua vez, eram satisfeitas em uma espiral sempre crescente de novas necessidades e novos produtos. E foi neste contínuo reproduzir-se de necessidades e soluções, que as mulheres construíram as bases para uma futura cultura mais elevada.

A ciência se desenvolveu ao mesmo tempo que a indústria. Gordon Childe destaca que para transformar a farinha em pão, necessita-se uma longa série de descobrimentos colaterais que terminam com o conhecimento da bioquímica e o uso de um microorganismo, o fermento (levedura). O mesmo conhecimento da bioquímica que tornou possível a produção do pão, tornou também possível os primeiros licores fermentados e uma série de outros descobrimentos.

Da corda ao tecido

Fazer uma corda pode parecer uma atividade muito humilde, mas entrelaçar estas fibras foi somente o princípio de uma grande cadeia de atividades que culminaram com a indústria têxtil. Construir essas cordas requer não só habilidade manual, como também um conhecimento de que material utilizar e como manuseá-lo, tratá-lo.

Chapple e Coon escrevem:

Todos os povos usam a corda, seja para ligar os cabos dos utensílios ou para fazer redes para caçar coelhos, bolsas ou braceletes. Nos lugares onde se usa muito mais as peles de animais, como entre os esquimós, estas cordas de modo geral consistem em tiras de couro ou tendões de animais. Os povos que vivem nos campos, ao contrário, usam fibras vegetais como o hibisco ou raízes longas que não necessitam nenhum tratamento especial para serem utilizadas. Outras fibras, muito curtas, são enroscadas entre si até formarem uma longa corda.[22]

Da técnica do entrelaçamento nasce a indústria de cestos. Segundo a localidade, os cestos são feitos de vime, cortiças, ervas, raízes ou peles. Alguns eram entrelaçados e cozidos ao mesmo tempo. A variedade de canas e outros artigos entrelaçados é enorme. Robert H. Lowie enumera alguns: cestas para transporte, botijas para água, copos, escudos, chapéus, abanos, esteiras etc. Alguns dos materiais estavam tão estreitamente entrelaçados que eram impermeáveis, e eram usados para se cozinhar ou conservar os alimentos.[23]

Alguns são tão bonitos, diz Briffault, que não podem ser reproduzidos nem com a tecnologia moderna: "Os chamados chapéus do Panamá, cujos exemplares mais belos podem ser comprimidos até que se consiga passá-los através de um anel, talvez sejam o exemplo mais típico"[24].

Nesse tipo de indústria, as mulheres utilizaram todos os recursos que a natureza colocava à sua disposição. Na terra onde nascia o coco, teciam cordas lindas, utilizando os filamentos das cascas.

Nas Filipinas, uma espécie de banana não-comestível produzia o famoso abacá, ou cânhamo-de-Manilha, usado também para a fabricação de cordas. Na Polinésia, cultivava-se uma espécie de amoreira, cuja casca era batida fortemente até se transformar

em uma espécie de tecido com o qual as mulheres conseguiam fabricar camisas para si e para os homens, além de correias, bolsas etc.

A indústria têxtil nasce com a grande Revolução Agrícola. Nesta atividade complexa, vemos a fusão de técnicas aprendidas na agricultura e na indústria.

Gordon Childe escreve: "A indústria têxtil requer não só o conhecimento de substâncias particulares como o algodão, o linho e a lã, mas também a criação de certos animais e o cultivo de plantas especiais"[25].

A indústria têxtil requer um alto grau de capacidade técnica e mecânica e uma longa série de invenções paralelas. Para desenvolver esta indústria, continua Childe,

> *necessita-se uma série complexa de descobrimentos e invenções e um conhecimento científico igualmente complexo. Entre as invenções prioritárias, a mais importante é o tear. Consideramos que o tear é um instrumento mais ou menos complicado, demasiadamente complicado para podermos descrevê-lo aqui. E sua utilização não é menos complexa. O tear, a sua invenção, foi um dos grandes triunfos do engenho humano. Seus inventores não possuem nomes, mas realizaram uma contribuição essencial à bagagem cultural do homem.*[26]

Sem levar em conta a sua importância enquanto contribuição para aumentar as provisões de alimentos, a caça foi um fator de grande valor para o desenvolvimento humano. Na caça organizada, o homem devia colaborar com outros homens, atitude desconhecida no mundo animal, no qual é regra a concorrência individual.

Sobre esta questão, Chapple e Coon escrevem:

> *A caça é um ótimo exercício tanto para o corpo como para a mente. Estimula a cooperação, o autocontrole, a agressividade, o engenho e a inventividade. E, por último, exige um alto grau de destreza manual. O gênero humano não poderia ter melhor escola em seu período de formação.*[27]

Trabalhadoras do couro

Uma vez que a caça era uma atividade tipicamente masculina, os historiadores estão sempre dispostos a glorificá-la sem limites. Sinceramente, não há dúvidas que os homens realmente contribuíram com a caça nas provisões, mas eram as mulheres que preparavam e conservavam a comida e utilizavam os produtos derivados necessários para suas atividades. Foram as mulheres as que desenvolveram as técnicas

do curtume e da conservação das peles e quem fundou a primeira grande indústria de peles.

Trabalhar a pele, o couro, é um processo longo, difícil e complicado. Lowie descreve a primeira forma deste tipo de atividade, que ainda é utilizado pelas mulheres *ona*, da Terra do Fogo:

> *Quando os caçadores trazem para o acampamento a pele de um guanaco, a mulher* – diz ele– *se ajoelha sobre a pele, limpa-a, raspa laboriosamente com sua folha de quartzo os tecidos rotos e a camada transparente que existe abaixo deles. Depois, com os punhos, amassa a pele palmo por palmo, de cima para baixo, em toda a extensão e às vezes mastigando-a com os dentes para que se torne mais macia. No caso de ser necessário o corte dos pelos, usa-se o mesmo processo da raspagem.*

O raspador de que fala Lowie é, juntamente com a estaca ou bastão, um dos mais antigos utensílios da humanidade. Ao mesmo tempo que nasce o pau de madeira usado para coletar verduras, nasce esse troço de pedra, raspador ou machado de mão, usado nas mais diversas atividades.

Briffault escreve a este respeito:

Estas espécies de raspadores, que constituem a maior parte dos utensílios primitivos, foram usadas e inventadas pela mulher. Nasceram muitas controvérsias sobre os possíveis usos desses objetos, mas o fato é que ainda hoje as mulheres esquimós empregam utensílios idênticos aos que suas irmãs européias usaram em abundância durante a Era Glacial.

Os raspadores ou cutelos usados pelas mulheres esquimós, são de forma geral muito elaborados e montados artisticamente em cabos de osso. Na África do Sul, a terra está cheia desses objetos, idênticos aos que se encontraram na Europa, originários da Era Paleolítica. Segundo testemunhos de pessoas que conheciam bem os costumes dos bosquímanos, estes objetos eram fabricados pelas mulheres.[28]

Mason acrescenta:

O raspador é o utensílio primeiro, que se usa em qualquer trabalho. Sua utilização entre as mulheres aborígenes de Montana é transmitida de mãe para filha, de geração em geração, e assim sucessivamente, desde o nascimento do gênero humano.[29]

Curtume

Assim como a maior parte das atividades, o trabalho com as peles requeria muito mais que um simples trabalho manual. Para desenvolver este trabalho a mulher também teve que aprender os segredos da química, e de experiência em experiência, aprendem inclusive a usar uma substância para transformá-la em outra.

O curtume é essencialmente uma alteração química da pele crua. Entre os esquimós, escreve Lowie, esta transformação foi descoberta deixando as peles serem maceradas dentro de um recipiente cheio de urina. Na América do Norte, ao contrário, as mulheres usavam o cérebro dos animais, preparados especialmente, e com ele empapavam as peles. Sem dúvida, o verdadeiro curtume exige o uso da cortiça da azinheira ou outras substâncias vegetais que contenham ácido tânico.

Uma parte do processo para trabalhar a pele era defumá-la em fogo lento. Os escudos dos índios norte-americanos eram tão resistentes que eram à prova não só de flechas, mas de tiros.

Os produtos de pele são de uma variedade enorme, principalmente no que se refere aos recipientes. Lowie cita alguns dos usos da pele. Os asiáticos

utilizavam-na para fazer uma espécie de garrafa; os africanos orientais como escudos ou estofos; entre os índios norte-americanos era usada, às vezes, como vestidos, camisas, mocassins ou calças. Só mais tarde foi utilizada para fazer choças ou tendas. A variedade de produtos feitos com peles pelas mulheres índias nunca deixou de maravilhar os visitantes dos museus onde estes objetos encontram-se expostos.

Briffault sublinha que as mulheres deviam conhecer primeiro a natureza das peles que deviam preparar, e decidir que produtos seriam os mais adequados:

> *O produto que se deve empregar varia de acordo com a utilidade que a pele vai ter. As peles macias eram alisadas até se conseguir uma espessura uniforme, e também se utilizava a camada que fica junto ao pêlo. As mais duras eram usadas na construção de cabanas, escudos, canoas ou botas. As mais finas e laváveis, para vestidos. Tudo isto requeria trabalhos técnicos especiais que haviam sido elaborados precisamente pelas mulheres.*

Mason escreve:

> *No continente americano, só as mulheres sabiam como tratar qualquer tipo de pele de animal, como gatos, cachorros, lobos, furões, ursos, ovelhas, antílopes, crocodilos, tartarugas, e inclusive répteis e peixes.*[30]

Ceramistas e artistas

Ao contrário das demais indústrias femininas, a cerâmica leva à criação de substâncias completamente novas, que não existem em estado natural.

Sobre isso, escreve Gordon Childe

> *Talvez a cerâmica seja a primeira utilização consciente de um processo químico por parte da humanidade... O fator essencial da arte cerâmica é que a mulher pode modelar algo de argila, na forma que desejar, e logo, utilizando o fogo, dar-lhe a forma definitiva (calor acima dos 600 graus centígrados). Aos homens primitivos, tal mudança na qualidade de um material deve ter parecido uma espécie de transmutação mágica. A conversão do barro ou da terra em pedra...*
>
> *O fato essencial deste descobrimento consiste em conseguir controlar e utilizar o processo químico que cita-*

mos anteriormente. Mas, da mesma forma que os demais descobrimentos, a sua aplicação prática implica outros novos conhecimentos. Para que a argila esteja em condições de ser trabalhada, tem que ser molhada, mas se o objeto é colocado úmido no forno, ele se quebra. A água deve secar aos poucos no sol, ou próxima do fogo, antes da argila ser cozida. Da mesma forma, a argila tem que ser cortada, preparada e lavada, para eliminar todos os resíduos de outras substâncias.

Durante o cozimento, a argila muda não só sua consistência física, mas também sua coloração. O homem teve que aprender a controlar estas mudanças e utilizá-las para melhorar a beleza dos vasos...

A arte da cerâmica, inclusive em seu estado mais rústico e generalizado, já era complexa. Implicava um certo número de processos bem distintos e a aplicação de numerosos descobrimentos. Construir um vaso foi um exemplo magnífico da criatividade humana.[31]

A mulher primitiva, assim como o primeiro ceramista, colheu o pó da terra e modelou uma gama infinita de novos produtos. As artes decorativas, também pelas mãos das mulheres, se desenvolveram paralelamente a esta indústria. A arte nasce do trabalho.

Lowie escreve

Um fabricante de cestas pode se converter em um decorador, sem ter a intenção de fazê-lo; mas no momento em que um determinado modelo deslumbra os nossos olhos, então buscamos repeti-lo. A corda retorcida de um cesto pode parecer uma espiral, uns arabescos etc. O fato essencial é que, uma vez considerada decorativa, esta forma geométrica se aplica também a outras formas de arte. Um ceramista pode pintar figuras em seu vaso, um escultor pode imitá-las em sua madeira.[32]

Os objetos de pele feitos pelas mulheres são muito apreciados, não só por seu aspecto prático, mas também pela beleza de sua decoração. E quando a mulher começou a fazer vestidos, começou também a tecer belíssimos desenhos nas telas, e inventou a cor e a técnica da tintura.

Construtoras e arquitetas

Talvez a atividade menos conhecida das mulheres primitivas seja seus trabalhos de construção, arquitetura e engenharia. Briffault escreve:

> *Não estamos acostumados a pensar que a arte de construir casas ou a arquitetura foram ocupações tão femininas quanto a fabricação de botas ou objetos de terracota. E, sem dúvida, as cabanas dos australianos, dos habitantes das ilhas de Andaman, dos habitantes da Patagônia, os toscos refúgios dos Seri, as tendas de pele dos índios norte-americanos, a 'iurta' dos nômades da Ásia Central, a tenda de pele de camelo dos beduínos, todos são trabalhos exclusivamente femininos.*
>
> *Às vezes, estas moradias, mais ou menos estáveis, eram muito elaboradas. A "iurta", por exemplo, é, na maioria das vezes, uma casa muito grande, construída sobre uma armação de madeira em forma de círculo, que tem em cima uma espécie de encerado também de madeira, todo ele coberto por uma espessa camada de feltro, que dá à casa uma estrutura de cúpula. O interior está dividido em numerosos compartimentos. À exceção da madeira, todo o restante foi construído e colocado pelas mulheres turcomanas.*

> *Os* pueblos *do Novo México e do Arizona recordam em sua forma as pitorescas cidades orientais. São grupos de casas, construídas umas sobre as outras. O teto plano de uma serve de base para a outra. Os andares mais elevados são alcançados através de escadas de polé ou escadarias exteriores, e os muros são bastiões com merlões ornamentais. Pátios, praças, ruas, curiosos edifícios públicos que servem tanto como locais de reuniões ou de templos... como testemunham as numerosas ruínas.*[33]

Os missionários espanhóis que se estabeleceram entre os povos indígenas ficaram atônitos frente à beleza das igrejas e conventos que aquelas mulheres haviam construído para eles. E escreveram aos seus compatriotas europeus:

> *Nenhum homem contribuiu nem com o mínimo para erguer uma casa. Estes edifícios eram construídos somente pelas mulheres, as meninas e as jovens das missões. Entre estes povos era costume que as mulheres fossem as construtoras de casas.*[34]

Sob a influência dos missionários, os homens aprenderam também este trabalho, mas seus primeiros esforços foram recebidos com muita zom-

baria pelas pessoas. Como escreveu um missionário espanhol:

> *Os pobres foram rodeados por uma alegre multidão de mulheres e crianças que riam e zombavam deles, e que pareciam encontrar-se frente à coisa mais engraçada do mundo: um homem ocupado na construção de uma casa.*[35]

Hoje, ocorre justamente o contrário: ridiculariza-se a mulher arquiteta ou engenheira.

Sobre os ombros da mulher

A mulher não era só uma experiente trabalhadora da sociedade antiga, mas também se ocupava de trabalhos muito duros e pesados, como o transporte de mercadorias, utensílios etc.,

Antes que tivessem este trabalho aliviado pelos animais domésticos, ao menos em parte, eram elas que transportavam sobre os ombros todo o necessário. Quando toda a tribo mudava de um lugar para outro, transportavam não só as matérias-primas para suas indústrias, mas também depósitos inteiros de mercadorias.

Quando a tribo emigrava, e isto ocorria com muita frequência antes que se desenvolvessem o sedentarismo, eram as mulheres quem desmontava e armava as tendas e cabanas. As mulheres transportavam os objetos mais pesados e também seus filhos. Na vida diária, era também a mulher quem transportava grandes feixes de lenha para o fogo, a água, os alimentos e todos os produtos essenciais. Segundo Chapple e Coon, inclusive hoje, as mulheres da tribo Ona, da Terra do Fogo, transportam pesos de mais de 100 libras quando emigram. Entre os Akikuyus da África Oriental, escrevem os Routledge, os homens não estavam em condições de suportar pesos de mais de 40 ou 60 libras, enquanto que as mulheres suportavam mais: "Quando um homem diz: esta carga está muito pesada, é porque ela está pronta para ser levantada por uma mulher e não por um homem. Isto nada mais expressa do que uma realidade".[36]

Sobre este aspecto do trabalho feminino, Mason escreve:

> *Dos ombros da mulher, do carro a majestosa nave, está aqui a história do maior dos artifícios que impulsionou nossa raça a explorar o mundo inteiro. Não me estranha que o carpinteiro talhe em madei-*

ra, na proa de seu navio, uma cabeça de mulher, e que a locomotiva receba nomes femininos.[37]

Por acaso estas atividades indicam que a mulher estava oprimida, explorada ou degradada? De modo algum. Totalmente o contrário. Sobre isto, escreve Briffault:

A opinião fantasiosa de que as mulheres estiveram oprimidas na sociedade primitiva em parte deriva da complacência do homem civilizado e, em parte, do fato de que as mulheres trabalhavam duramente. Uma vez que as mulheres realizavam trabalhos cansativos, seu estado era considerado como que de escravidão e opressão. Não poderia existir maior equívoco...

A mulher primitiva é independente, e não apesar *de seu trabalho. No geral, é justamente nos povos entre os quais elas trabalham mais duramente, que são mais independentes e têm uma maior influência. De modo geral, lá onde as mulheres ficam na folga e os trabalhos são realizados por escravos, elas são pouco mais do que escravas sexuais...*

Na sociedade primitiva, todos os trabalhos, inclusive os mais insignificantes, eram voluntários, e

nunca a mulher fez algum trabalho tendo que obedecer ordens arbitrárias.

Falando das mulheres zulus, um missionário escreve:

Qualquer um que houvesse observado o comportamento das mulheres, concentradas em seu trabalho, sua alegria, sua conversa, suas risadas e suas canções, não poderia deixar de compará-lo com os de nossas mulheres que hoje trabalham.[38]

O que atormenta os seres humanos, não é o trabalho, mas sim a exploração e o trabalho forçado.

Quando as mulheres começaram a trabalhar, ninguém as ensinou como fazer isso. Tiveram que aprender da forma mais difícil, com sua coragem e perseverança. Obtiveram algumas noções, provavelmente, da própria natureza. Mason escreve:

As mulheres aprenderam com as aranhas a tecer redes. Com as abelhas e formigas a conservar os alimentos e a trabalhar a argila. Isto não significa que esses animais criaram escolas para que aquelas obtusas mulheres aprendessem a trabalhar, mas sim que as mentes despertas destas estavam sempre dispostas a se apode-

rar de qualquer experiência que viesse daquela fonte. Foi na época da industrialização que a mulher mostrou todo seu talento. Desde o princípio, estabeleceu os caminhos que era necessário percorrer, e se ativeram a eles sem reservas.[39]

As primeiras comunidades

Dado a humildade com que a mulher iniciou as suas primeiras atividades, muitos historiadores apresentam a indústria feminina como basicamente familiar ou artesanal. Sem dúvida, é importante levarmos em conta que antes de se desenvolver a máquina, não existia nenhuma forma de arte, a não ser o artesanato. Antes que surgissem as fábricas especializadas, não existia senão a casa.

Obviamente sem estas formas artesanais primitivas não teriam nascido as grandes corporações da Idade Média. E sequer o mundo moderno teria se desenvolvido com suas fazendas agrícolas mecanizadas e suas inúmeras indústrias.

Quando as mulheres começaram a trabalhar, fizeram com que o gênero humano se elevasse acima do reino animal. Foram elas as primeiras trabalhadoras e as fundadoras da indústria, a primeira força que elevou a humanidade para além de seu estado

de símio. Junto com o trabalho, nasce a linguagem. Como escreve Engels:

O desenvolvimento do trabalho, ao multiplicar os casos de ajuda mútua e de atividades sociais, fazia necessariamente com que os membros da sociedade se reunissem cada vez mais... A única teoria correta sobre a origem da linguagem é a de que ela nasce e se desenvolve junto com o processo do trabalho. Primeiro nasceu o trabalho, e logo, como consequência, se desenvolveu a linguagem articulada.[40]

Sem dúvida, também o homem começou a articular alguma palavra durante a caça organizada, mas o desenvolvimento decisivo da linguagem nasce da atividade produtiva feminina. Diz Manson:

Exatamente porque, a cada dia se ocupava de todas as atividades industriais, a mulher inventou e fixou uma linguagem em relação às mesmas. O Dr. Brinton escreve em uma carta particular que em muitas linguagens primitivas não só se encontram muitas expressões que são próprias das mulheres, como em muitas partes do mundo se encontra com frequência linguagens usadas somente pelas mulheres e completamente distintas da dos homens.

Os homens primitivos, quando iam caçar ou pescar, estavam geralmente sozinhos, e esta atividade lhes impunha silêncio. As mulheres, pelo contrário, estavam juntas e falavam o dia todo, e tal coisa é tão certa que, prescindindo dos ambientes culturais, as mulheres têm ainda hoje em dia um vocabulário mais rico e são as melhores oradoras e escritoras.[41]

O trabalho e a linguagem, mais do que qualquer outra coisa, representam o nascimento da coletividade. Os animais são obrigados por leis da natureza a uma contínua concorrência individual. As mulheres, através do trabalho, substituíram as relações estabelecidas pela natureza por novas relações humanas, graças ao trabalho coletivo.

A família – a comunidade

A família era toda a comunidade. Não existiam individualismos e sim coletivismo social. Sobre este ponto, escreve Gordon Childe:

No Neolítico, a arte aparece como uma ocupação familiar. Nem mesmo as tradições artesanais são individuais, são coletivas. A experiência e sabedoria colocam-se constantemente em evidência e, com exemplos

e explicações, são transmitidas de pai para filho. A filha ajuda a mãe a trabalhar os vasos. Observa-a atentamente, imita e recebe as explicações, advertências e os conselhos necessários. No Neolítico, as ciências aplicadas foram transmitidas pelo que chamamos atualmente de sistema de aprendizagem.

Num povoado moderno africano, a mulher não se isola para modelar ou coser seus vasos. Todas as mulheres trabalham juntas, conversam, confrontam suas experiências e se ajudam mutuamente. Todas as atividades são públicas, suas regras são resultados de experiências comuns... E a economia neolítica em seu conjunto não poderia existir sem esforços comuns.[42]

Assim, o resultado mais importante das atividades femininas foi a fundação e a consolidação do primeiro grande coletivo humano. A vida coletiva e o trabalho, substituindo o individualismo animal, abriram um abismo intransponível entre a sociedade humana e os animais. Tornaram possível a primeira grande conquista da humanidade, a domesticação dos animais.

Através destas experiências as mulheres se converteram nas primeiras trabalhadoras e lavradoras, nas primeiras cientistas, doutoras, arquitetas, en-

genheiras; as primeiras professoras, educadoras e artistas, e transmitiram a herança social e cultural. As famílias que surgiram não eram simplesmente cozinhas coletivas ou salas de cozinhar, mas eram também as primeiras fábricas, os primeiros laboratórios científicos, centros médicos, escolas e centros culturais e sociais. O poder e o prestígio feminino que surgem das funções procriadoras, alcançam seu ponto máximo com a primazia de suas atividades socialmente úteis.

A emancipação do homem

Durante todo o tempo em que a caça intensiva foi uma ocupação indispensável, o homem esteve relegado a uma experiência de segunda ordem. A caça isolava os homens durante períodos muito grandes da comunidade, e da participação nas formas mais altas de trabalho.

O descobrimento da agricultura e da domesticação de animais pela mulher representou também a emancipação dos homens. A caça já não era socialmente indispensável, e esta atividade se viu transformada, rapidamente, em um simples esporte. Os homens estavam então livres para participar da vida cultural e industrial da comunidade. Com o aumento das provisões de alimentos, cresceu também a população. Os acampamentos nômades se transformaram em povoados estáveis e, mais tarde, em vilas e cidades.

No primeiro período de sua emancipação, os homens eram menos capazes do que as mulheres nas atividades produtivas. Portanto, limitavam-se a cortar as ervas daninhas nos campos e a preparar o terreno para o cultivo que as mulheres faziam. Cortavam árvores e armazenavam madeira para as construções. Só mais tarde começaram a trabalhar na construção propriamente dita, assim como cuidar de animais e de seu filho.

Mas, ao contrário das mulheres, não tiveram que começar do princípio. Em pouco tempo, conseguiram aprender não só aquelas atividades que exigiam uma certa destreza, mas realizaram grandes melhoras no que diz respeito aos utensílios de trabalho, móveis e tecnologia em geral. A agricultura se incrementou notavelmente com a invenção do arado e com o uso de animais já domesticados.

Durante um breve período de tempo, em termos históricos, a divisão do trabalho entre os sexos foi uma realidade. Homens e mulheres, juntos, aumentaram o bem-estar social e consolidaram as primeiras povoações sedentárias. Mas a Revolução Agrícola,

promovida pela mulher, que divide a época da colheita da época da produção, da mesma forma separa a barbárie da civilização e, mais adiante ainda, assinala o desenvolvimento de um novo sistema social e uma inversão da liderança econômica e social dos sexos.

Estas novas condições de vida, que começaram com a abundância de alimentos necessários para urna população crescente, liberaram uma nova força produtiva e, com ela, novas relações produtivas. A velha divisão do trabalho entre os sexos foi substituída por uma nova divisão social do trabalho. O trabalho agrícola separou-se do trabalho industrial urbano, o trabalho manual do trabalho intelectual. E as atividades femininas passaram gradualmente para os homens.

Por exemplo, como o torno, os especialistas do ofício se apoderaram da arte artesanal feminina de modelar os vasos. Como diz Childe:

> *A etnografia nos demonstra que os ceramistas que usam o torno são geralmente homens, e não mulheres. E o antigo método artesanal de modelar os vasos, nada mais é para eles que um dever familiar, como o de cozinhar ou tecer.*[43]

O homem se apoderou dos fornos inventados pelas mulheres e os transformou em fráguas e forjas para fundir os metais brutos e obter cobre, ouro e ferro. A Idade do Metal foi como a aurora da idade do homem. E o sobrenome mais comum atualmente, Mr. Smith, tem origem justamente naquela época .

As mesmas causas que levaram à emancipação do homem conduziram à queda do matriarcado e à escravização da mulher. No momento em que o homem se apropriou dos meios de produção, a mulher foi relegada exclusivamente a suas funções biológicas de mãe, e lhe foi negada toda forma de participação na vida social produtiva. Os homens tomaram as rédeas da sociedade e fundaram um novo sistema social a serviço de suas necessidades. Da destruição do matriarcado, nasceu a sociedade de classes.

Neste resumo das atividades produtivas da mulher no sistema primitivo, vimos como os dois sexos contribuíram na edificação da sociedade e para o progresso da humanidade até o estágio atual. Mas esta contribuição não se deu ao mesmo tempo, nem da mesma forma. E isto nada mais é do que uma expressão do desenvolvimento desigual da sociedade em geral.

Durante o primeiro grande período de desenvolvimento social, foi a mulher quem conseguiu fazer

com que a humanidade progredisse até se tornar superior ao reino animal. E uma vez que os primeiros passos são sempre os mais difíceis, não podemos deixar de considerar decisiva a contribuição social e produtiva das mulheres. Foram os descobrimentos no campo produtivo e cultural os que tornaram possível a civilização. Foram necessárias centenas de milhares de anos para que as primeiras mulheres pudessem assentar as bases sociais. E justamente por terem colocado estas bases tão solidamente, foram necessários menos de quatro mil anos para que a civilização alcançasse seu estágio atual.

Por isso não é científico querer discutir a superioridade do homem ou da mulher sem levar em conta a experiência histórica. No transcurso da história, assistimos a uma grande inversão na superioridade social dos sexos. O papel dirigente pertenceu primeiro à mulher, biologicamente dotada pela natureza; e logo aos homens, socialmente dotados pelas mulheres. Entender estes fatos históricos significa evitar cair na armadilha de valorizações arbitrárias baseadas somente em instinto e pré-julgamentos. E compreender isto significa destruir o mito que faz das mulheres seres naturalmente inferiores.

Primavera de 1954.

SEXO CONTRA SEXO OU CLASSE CONTRA CLASSE

O chauvinismo masculino desperta grande indignação entre as mulheres e fomenta um profundo antagonismo entre os dois sexos. Existem duas maneiras distintas de tratar este aspecto da liberação da mulher.

Uma é a marxista. Sabemos que as mulheres estão subjugadas e humilhadas em uma sociedade dominada pelo homem, e também que estão plenamente capacitadas para se organizarem ati-

vamente contra estes males. Ao mesmo tempo, o marxismo nos ensina que a subordinação de um sexo é parte e consequência de uma pressão mais ampla e da exploração da massa trabalhadora por parte dos capitalistas, detentores do poder e da propriedade. Portanto, a luta pela liberação das mulheres é inseparável da luta pelo socialismo.

E outro ponto de vista sustenta que todas as mulheres, como sexo, estão no mesmo barco e têm objetivos e interesses idênticos independentemente de sua posição econômica e da classe a que pertençam. Portanto, para obter a emancipação, todas as mulheres deveriam se unir e levar a cabo uma guerra baseada na diferença de sexo contra os machos chauvinistas, seus inimigos acérrimos. Esta conclusão, unilateral e distorcida, pode causar um grande dano à causa da liberação da mulher.

É certo que as mulheres em geral, inclusive as de classes superiores, sofrem de alguma forma com o chauvinismo masculino. Em algumas ocasiões e para alguns objetivos é útil e necessário que as mulheres pertencentes a estratos sociais distintos constituam organizações próprias e atuem unitariamente para eliminar injustiças e desigualdades impostas a seu sexo. Um exemplo é o movimento para a legalização do controle de natalidade e do direito ao aborto.

Sem dúvida, nem sequer a garantia de ver realizadas estas reformas urgentes eliminará as causas fundamentais da opressão da mulher, que se encontram na estrutura de classe de nossa sociedade. Em relação a todas as questões fundamentais, concernentes à propriedade privada, as mulheres ricas estão a favor da manutenção do *status quo* e de sua posição privilegiada, exatamente igual aos homens ricos. Quando isto acontece, traem seu sexo em favor de seus interesses e de seus privilégios de classe.

Portanto, *classe contra classe* deve ser a linha mestra da luta pela libertação da humanidade em geral, e da mulher em particular. Somente uma vitória revolucionária sobre o capitalismo, dirigida pelos homens e mulheres trabalhadoras e apoiadas por todos os oprimidos, pode resgatar as mulheres de seu estado de opressão e garantir-lhes uma vida melhor numa nova sociedade. Esta afirmação teórico-política marxista foi confirmada pela experiência de todas as revoluções vitoriosas, como as da Rússia, China, Cuba.

Quaisquer que sejam seus limites, as melhorias que estas revoluções garantiram na condição da mulher foram realizadas não através de uma luta entre sexos, mas através da luta de classes.

Não importa quão radical possa parecer; a substituição da luta de classes pela luta entre sexos, por

parte das mulheres ativistas, seria um perigoso desvio do verdadeiro caminho da liberação. Esta tática somente poderia servir ao jogo dos piores inimigos das mulheres e da revolução social.

Este erro ultra-radical, que contrapõe sexo contra sexo, apareceu claramente numa polêmica no interior do Socialist Workers' Party em 1954. Durante os debates foram tratados temas importantes sobre o uso dos cosméticos, a moda, e todos os meios dedicados a proporcionar às mulheres o padrão de beleza desejado ou exigido, e torná-las atrativas aos homens. Produziu-se uma curiosa condescendência entre as mulheres que mais gritavam contra isto, frente ao chauvinismo masculino, e sem dúvida, este deveria ser um aspecto interessante para as mulheres radicais que se ocupam atualmente do problema. O texto a seguir é uma parte de minha contribuição naquela discussão.

Cosmético e moda no comércio da beleza

As distinções de classe entre as mulheres transcendem sua identidade como sexo. Isto é certo principalmente na sociedade capitalista moderna, em que a polarização das forças sociais é mais forte.

Historicamente, a luta entre os sexos fez parte do movimento feminista burguês do século passado. Tratava-se de um movimento reformista, levado a cabo dentro do sistema, e não contra o mesmo. Foi, sem dúvida, uma luta progressiva, uma vez que as mulheres se rebelaram contra o domínio quase total do homem. Com o movimento feminista, as mulheres obtiveram um número considerável de reformas. Mas aquele tipo de movimento feminista já fez seu trabalho, alcançou seus objetivos limitados, e os problemas que se nos apresentam devem ser situados no contexto da luta de classes.

A "questão feminina" pode ser resolvida somente com a aliança dos homens e das mulheres trabalhadoras, contra os homens e as mulheres que detém o poder. Isto significa que os interesses comuns dos trabalhadores, como classe, são superiores aos das mulheres como sexo.

As mulheres que pertencem à classe dominante têm exatamente o mesmo interesse na conservação da sociedade capitalista que os seus maridos. As feministas burguesas lutaram, entre outras coisas, pelo direito das mulheres terem propriedades registradas em seu nome, e obtiveram este direito. Hoje, as mulheres plutocratas possuem fabulosas riquezas registradas em seu nome. Sobre temas políticos e sociais

fundamentais, não simpatizaram nem se uniram com as mulheres trabalhadoras, cujas necessidades podem ser satisfeitas somente com a desaparição deste sistema. Por isto, a emancipação das mulheres trabalhadoras não será obtida através de uma aliança com as mulheres da classe inimiga, mas sim ao contrário, com uma luta contra elas, como parte de uma luta total contra o capitalismo.

A intenção de identificar os interesses das mulheres como sexo toma uma de suas formas mais insidiosas no campo da beleza feminina.

Surgiu o mito de que, já que todas as mulheres querem ser belas, têm todas o mesmo interesse pelos cosméticos, pela moda, considerados hoje indispensáveis para a beleza. Para sustentar esse mito, diz-se que o desejo de beleza se deu em todas as épocas da história, e com todas as mulheres. Os traficantes do campo da moda levantavam como testemunho disso o fato de que, inclusive na sociedade primitiva, as mulheres pintavam e decoravam seu corpo. Para destruir esta crença, vejamos rapidamente a história dos cosméticos da moda.

Na sociedade primitiva, em que não existia a disputa sexual, não eram necessários os cosméticos e a moda como subsídios artificiais da beleza. Os corpos e os rostos, tanto dos homens, como das mulheres,

eram pintados e "decorados", mas não por razões estéticas. Estes costumes nasceram de distintas necessidades relacionadas com a vida primitiva e com o trabalho.

Naquela época, qualquer indivíduo que pertencesse a um grupo familiar, necessitava estar "marcado" como tal, segundo o sexo e a idade. Estas "marcas" compreendiam não só ornamentos, anéis, braceletes, saias curtas etc., mas também gravações, tatuagens, e outros tipos de decoração no corpo, que indicavam não só o sexo do indivíduo, mas também a idade e o trabalho dos membros da comunidade, à medida que passavam da infância à idade madura e à velhice. Mais que decorações, estes sinais podem ser considerados como uma forma primitiva de evidenciar a história da vida de cada indivíduo, como atualmente nós fazemos com os álbuns de família. Uma vez que a sociedade primitiva era comunitária, estes sinais marcavam também uma completa igualdade social.

Depois veio a sociedade de classes. As marcas, símbolos de igualdade social, também foram transformadas em seu oposto. Converteram-se em modelos e decorações, símbolos de *desigualdade social*, expressão da divisão da sociedade entre ricos e pobres, entre governantes e governados. Os cos-

méticos e a moda passaram a ser prerrogativas da aristocracia.

Um exemplo concreto pode ser encontrado na Corte francesa, antes da revolução. Entre os reis, os príncipes e a aristocracia latifundiária, tanto os homens como as mulheres vestiam-se segundo o ditado pela moda. Eram "dândis" com as caras pintadas, os cabelos empoados, cintos coloridos, ornamentos de ouro e tudo o mais. Os dois sexos eram "belos" segundo os modelos em voga. Mas ambos os sexos da classe dominante se distinguiam, particularmente por seus cosméticos e suas roupas, dos camponeses pobres, que suavam por eles na terra e que, certamente, não eram belos, segundo os mesmos modelos. A moda naquele período foi símbolo de *distinção de classe.*

Mais tarde, quando os costumes burgueses substituíram os feudais por diversas razões históricas, os homens deixaram o campo da moda principalmente para as mulheres. Os homens de negócios afirmavam sua posição social com a exibição de esposas enfeitadas, e abandonaram as calças douradas e as faixas coloridas. Entre as mulheres, sem dúvida, a moda ainda distinguia a Judy O'Grady[45] da mulher de um coronel.

Com o desenvolvimento do capitalismo, produziu-se uma enorme expansão da produção, e com ela

a necessidade de um mercado de massas. Já que as mulheres constituíam a metade da população, os capitalistas começaram a explorar o campo da beleza feminina. Assim, o capítulo da moda saiu do estreito marco dos ricos e se impôs a toda a população feminina.

Para corresponder às exigências deste setor industrial, as distinções de classe foram suavizadas e escondidas sob a identidade do sexo. Os agentes de publicidade difundiram a propaganda: todas as mulheres querem ser belas, portanto todas as mulheres têm interesse por cosméticos e moda. A moda se identificou com a beleza, venderam estes acessíveis produtos de beleza na base de sua "necessidade" e "desejo" comum a todas as mulheres.

Atualmente, o campo da beleza alimenta milhares de indústrias: cosméticos, vestidos, perucas, produtos para emagrecer, jóias verdadeiras e falsas etc. Vê-se que a beleza era uma fórmula muito flexível. Tudo o que um empresário deveria fazer para ficar rico era descobrir um novo produto e convencer as mulheres de que "tinham necessidade" dele e que o "desejavam" (ver qualquer das campanhas de publicidade da Revlon).

Para manter e aumentar esta pechincha, faltava propagandear outros mitos, em apoio aos capitalistas. São eles:

1. Há séculos que as mulheres competem umas com as outras para atrair sexualmente os homens. Isto é, virtualmente, uma lei biológica, da qual nada escapa, e uma vez que sempre existiu e sempre existirá, as mulheres se submetem ao seu destino, e estão em permanente competição umas com as outras, no mercado capitalista do sexo.

2. Na sociedade moderna, a beleza natural das mulheres, na realidade não conta. Inclusive, insinua-se que a natureza abandonou as mulheres no que diz respeito à sua beleza. Para recuperar a sua falta de atrativos e suas deformações, devem recorrer a ajudas artificiais que os gentis industriais colocam à sua disposição. Examinemos esta propaganda.

A competição entre os sexos: natural ou social?

Os estudos biológicos e antropológicos nos demonstram que a concorrência sexual entre as mulheres não existe nem na natureza nem na sociedade primitiva. É *exclusivamente* um produto da sociedade de classes, e era desconhecido antes de sua existência.

No mundo animal, entre as fêmeas, não existe concorrência para que consigam atrair a atenção do macho. A única concorrência que existe, em nível sexual, é aquela que a natureza impõe aos machos que lutam uns contra os outros pela posse da fêmea. Isto é, simplesmente, uma forma natural de assegurar a perpetuação da espécie. Porém, além de seus efeitos destrutivos para a cooperação social, este aspecto da competição sexual masculina foi eliminado quando se formaram e se consolidaram as primeiras organizações sexuais comunistas.

A ausência da concorrência sexual na natureza foi uma das razões que permitiram às mulheres ter um papel determinante na criação de um sistema social carente de relações competitivas destrutivas. A ausência de concorrência sexual e de ciúmes entre as mulheres primitivas não é posta em dúvida nem pelos antropólogos conservadores, ainda que muitas vezes vejam isto com surpresa, ou como "algo raro" ou um costume original.

Depois surge a sociedade de classes, baseada em um espírito de consumo e competição, sobre a dependência das mulheres com relação aos homens. Com a luta competitiva entre os homens pela propriedade e riqueza, surge a luta competitiva entre as mulheres para possuírem homens ricos e poderosos.

Mas este lacre social não possui nada de natural; é exclusivamente artificial, criado historicamente e historicamente condicionado.

A concorrência sexual entre as mulheres surge com o "mercado" do sexo ou com o matrimônio. O mercado do sexo é um aspecto parcial do mercado comercial em geral, fundamental na sociedade capitalista de classes Ao difundir-se o sexo como mercadoria, o padrão de beleza feminina se transformou gradualmente, chegando a ser artificial e "de acordo com a moda". Este processo chegou ao seu ponto máximo na sociedade contemporânea.

No primeiro período da economia de troca, as mulheres eram trocadas por animais; e os animais por mulheres. A beleza natural e a saúde da mulher constituíam um valor, da mesma forma que a saúde dos animais. Os dois eram necessários e fundamentais para a vida produtiva e reprodutora da comunidade, segundo a qual os exemplares mais belos e saudáveis estavam em condições de desenvolver melhor suas funções.

Posteriormente, com a consolidação do patriarcado e da sociedade de classes, algumas mulheres foram "acumuladas" pelos homens ricos, como uma forma qualquer de propriedade. Nasce o costume de embelezar estas esposas e concubinas com decora-

ções e ornamentos, da mesma forma e pelas mesmas razões com que se adornavam os palácios. Um exemplo extremo é encontrado nos palácios e haréns asiáticos. As mulheres eram consideradas propriedades do príncipe ou Khan, e quanto maior a quantidade de artigos de luxo que possuíam, mais se ressaltava a sua condição de homem rico e poderoso. Nessa época, a concorrência sexual entre as mulheres estava à sombra da concorrência entre os homens pela acumulação de tais propriedades. A mulher mesma, era um "bem", ou uma mercadoria.

Quando a monogamia substituiu a poligamia e as condições materiais se converteram na base do matrimônio, as mulheres ricas tiveram, com relação às pobres, vantagens na concorrência sexual. Uma rica herdeira que cuidava de sua beleza e saúde continuava sendo ainda uma esposa desejável para um homem que quisesse acumular propriedade e vice-versa. Um homem, tendo possibilidade de escolher, escolheria uma mulher ainda mais bela. As considerações econômicas, em geral, tinham preferência. Tais matrimônios, que implicavam fusões de propriedade, eram efetuados entre as famílias como negócios e só incidentalmente levavam em conta os desejos das partes implicadas. Tal matrimônio, realizado mediante pactos entre as famílias e com in-

termediários, esteve em vigor durante todo o grande período agrícola, quando a propriedade era principalmente a terra.

Mais tarde, aparece o capitalismo com suas relações monetárias e a "livre empresa". Esta se introduz não só no "livre trabalho" competitivo e na concorrência comercial, mas também na concorrência sexual feminina. Entre os ricos, realmente, os matrimônios por interesse continuaram como forma de fusão da propriedade, e muitas vezes, as duas coisas não se podiam diferenciar. Depois, com o surgimento do capitalismo monopolista, os dois tipos de fusões levaram os plutocratas ao poder, até chegar às Sessenta Famílias Americanas[46].

No entanto, embora a América seja fundamentalmente burguesa desde o seu nascimento, deram-se certas peculiaridades. As barreiras de classe podiam ser infringidas por um homem rico, diferente do que acontecia na Europa feudal, onde as distinções de classe eram estabelecidas ao nascer. Assim, nos primórdios do capitalismo, um trabalhador ou um burguês podiam casualmente ter sorte, tornarem-se ricos e modificarem assim sua posição social.

A mesma coisa podia acontecer com a mulher. Por casualidade ou por beleza, podia casar-se com um milionário e mudar sua condição social. Tal coi-

sa, ao estilo "América capitalista", está muito bem representada por Bobo Rockfeler, filha de um mineiro, que se casou com um dos homens mais ricos da América e depois se divorciou, ganhando uma pensão de milhares de dólares.

Estas peculiaridades da vida americana prepararam o terreno sócio-psicológico para um mercado de consumo de massas, o mercado do sexo e da concorrência sexual de massas entre as mulheres. Da mesma forma que os relatos de Horatio Alger transformaram-se para os homens em um manual de como passar dos estábulos para as estrelas, os relatos para as mulheres ensinavam como fisgar e se casar com o filho do patrão. Tudo o que deviam fazer era correr para a perfumaria e comprar todos os produtos necessários para transformarem-se em princesas.

O mundo dos cosméticos e da moda se converteu em uma mina de ouro, com perspectivas virtualmente ilimitadas. Os empresários do ramo só tinham que mudar a moda frequentemente e inventar produtos de beleza cada vez mais numerosos e novos para ficarem cada vez mais ricos. Assim, no capitalismo moderno, a venda de mulheres como mercadorias foi substituída pela venda de mercadorias para as mulheres. Atualmente, encontra-se difundido o mito de que a beleza depende da moda, e que todas as mu-

lheres têm a mesma necessidade de segui-la à risca, uma vez que todas têm a mesma exigência estética.

Especuladores do corpo feminino

Existem três tipos fundamentais de especuladores para persuadir, explorar e induzir a grande maioria de mulheres a gastar dinheiro em busca da beleza:

1. Os que se aproveitam da manipulação do corpo feminino para reduzi-lo ao tamanho e medida da moda.

2. Os que pintam e enchem de creme o corpo já manipulado por meio de cosméticos, tintas, loções, perfumes etc.

3. Os que adornam o corpo manipulado e pintado com vestidos da moda, jóias etc.

De acordo com a primeira categoria, uma mulher para ser bela tem que ser de certo tipo, pesar tanto, nem um grama a mais ou a menos, com determinadas medidas para os quadris, cintura e busto. As que fugiram deste esquema, não são belas.

Tal coisa é causa de muitas aflições para as mulheres que não estejam dentro dos cânones estabelecidos. Oprimidas e frustradas pelas dificuldades reais da vida no mundo capitalista, cujas raízes não compreendem, as mulheres que trabalham, principalmente, tendem a identificar sua deformidade imaginária com a fonte de seus problemas. Convertem-se em vítimas do complexo de inferioridade. E, por causa disto, lançam mão de dezenas de milhares e milhões de manipuladores e decoradores do corpo feminino, deixando em suas mãos o dinheiro suado que ganham.

Esses padrões são mantidos e apresentados como modelo, por meio das divas do cinema e dos concursos de beleza. "Belezas" selecionadas são exibidas ante os olhos hipnotizados de grande parte das mulheres, de várias maneiras: no cinema, na televisão, ou nas chamadas revistas para homens. Porém, a monótona uniformidade destas "belezas" é escandalosa. Qualquer indício de *variedade*, característica da verdadeira beleza, foi eliminado. Como se se tratassem de bonecas, feitas todas com a mesma massa e com o mesmo molde.

A outra categoria compreende os vendedores de cosméticos, tinturas e cremes para esses corpos uniformes. Na verdade, os que trabalham nas fábricas desses produtos sabem que a mesma matéria-prima, de custo irrisório, se encontra também nos frascos de cinquenta cents. No entanto, as mulheres ingênuas e crédulas acreditam que o frasco de 10 dólares contém algum potente filtro mágico que o mais barato

não possui. Assim diz a publicidade, e assim deve ser. Estas pobres mulheres diminuem seus recursos financeiros para obter o produto milagroso, esperando dessa forma, transformarem-se de trabalhadoras em ricas herdeiras.

Por último, no campo da moda, impõe-se às mulheres uma dolorosa escolha. Devem comprar um vestido por causa de sua *durabilidade*, ou levando em conta os caprichos momentâneos da moda? As mulheres ricas podem fazer ambas as coisas e podem possuir um vestido para cada ocasião ou circunstância: para as manhãs, para o meio-dia, para os coquetéis, para a tarde e também numerosos conjuntos para a noite. Além disso, é necessária uma grande quantidade de acessórios para "acompanhar" cada tipo de vestimenta.

E toda esta montanha de modelos, impostos às mulheres, podem ser considerados ultrapassados com a imposição de outros, na próxima semana, no próximo mês ou na próxima estação. Um artigo publicado no *New York Times* trouxe – claramente resolvido – o dilema de se as mulheres compram aquilo de que têm necessidade ou se compram aquilo que estão forçadas a ter necessidade de comprar. Este artigo dizia que Christian Dior, o famoso costureiro para mulheres ricas, cujo estilo é copiado em versões

mais baratas para as mulheres mais pobres, tinha o poder de alargar ou encurtar a saia de cinquenta milhões de americanas, no transcurso de uma noite!

Uma diferença de três ou quatro centímetros de barra pode ser um drama para as mulheres que se exigem estar constantemente na moda. Para a mulher rica pode ser divertido mudar todo o seu vestuário, renová-lo, mas é demasiadamente custoso para a mulher pobre.

Desta forma, quando se afirma que as mulheres têm o direito de usar cosméticos, vestidos elegantes etc., sem distinguir claramente este direito da pressão social a que está obrigada a se submeter cai-se diretamente na armadilha da propaganda capitalista. As mulheres de vanguarda, que lutam pelas transformações sociais, não deveriam nunca, nem sequer contra sua vontade, reforçar os aproveitadores desse campo. Sua missão, ao contrário, deveria ser a de desmascarar os que se beneficiam dessa escravidão das mulheres.

Oposição – inadaptação

Sempre se defende que, mesmo que impere o capitalismo, nós como mulheres, devemos submeter-nos aos decretos da moda e dos cosméticos; pois do

contrário ficaríamos na retaguarda econômica e social. É certo que para mantermos o emprego, e por outras razões, temos que levar em conta esta dura realidade.

Mas isto não significa que devamos aceitar estes condicionamentos, arbitrários e custosos, com complacência e sem protestar. Os operários que trabalham nas máquinas, estão muitas vezes obrigados a aceitar os aumentos do ritmo da produção, a diminuição de salários, e ataques a seus sindicatos, porém os aceitam protestando e continuando a luta contra eles, organizando-se em movimentos que *contrapõem* suas necessidades aos desejos de seus exploradores.

A luta de classe é um movimento de *oposição* e não de *adaptação*, e isto é correto não só para os trabalhadores das fábricas, como também para suas mulheres, consideradas como donas de casa. Quanto às mulheres, consideradas como sexo, as metas não são tão claras, e por isso algumas caem no engano da adaptação. Sobre isso, devemos mudar nossa linha. Expliquemos aos modernos padronizadores de beleza que eles não existiram sempre, e que as mulheres trabalhadoras podem e devem opinar sobre esta questão.

Por exemplo, podemos dizer que o uso dos cosméticos é uma inovação bastante recente. No século

passado, uma mulher que estivesse em busca de marido veria suas possibilidades diminuídas caso usasse cosméticos, que era então uma prerrogativa das prostitutas. Nenhum homem de respeito se casaria com uma "mulher pintada".

Também no campo do vestuário verificaram-se mudanças radicais depois da entrada de um grande número de mulheres na indústria e nos escritórios, durante e após a Primeira Guerra Mundial. Eliminaram os espartilhos, as inumeráveis anáguas engomadas, os penteados volumosos, e os imensos chapéus, adotando vestidos mais adequados às suas atividades de trabalho. Os famosos trajes "desalinhados" que usamos atualmente nasceram dessas exigências das mulheres trabalhadoras e, posteriormente, foram adotados pelas mulheres ricas, em suas horas de lazer e diversão.

Atualmente, inclusive os macacões dos trabalhadores se converteram em trajes sofisticados. Seguramente, as mulheres ricas, fascinadas pelo aspecto sexualmente atraente das que usavam macacões e shorts, decidiram adaptá-los para a vida no campo e em suas fantásticas chácaras de fim-de-semana.

Com este ataque às trapaças da moda, não quero expressar a não-aceitação dos vestidos bonitos, nem discutir as modificações necessárias e previsíveis no

tipo de vestuário de que necessitamos. Novos tempos, novas condições sociais e produtivas, trarão transformações de todo tipo. O tempo é a mais valiosa das matérias-primas, pois o tempo é a vida, e nós temos coisas melhores a fazer do que gastar nosso tempo nesta custosa, deprimente e vulgar mania de andar correndo atrás da moda.

Com o socialismo, o fato de uma mulher querer ou não se pintar e se enfeitar, não terá maiores consequências sociais do que as máscaras das crianças nos bailes de carnaval e outras festas, a maquiagem dos atores de um teatro ou dos palhaços de um circo. Algumas mulheres sentir-se-ão mais bonitas se pintadas, outras não. Porém será somente uma opinião pessoal e nada mais. Submeter-se a estes costumes já não será uma obrigação econômica ou social para todas as mulheres. Por isso, não defendemos esses abutres que exploram as mulheres em nome da "beleza".

A propaganda massiva

Nos últimos anos, temos visto que cada vez mais atenção é dada às mulheres, como importantes compradoras de artigos de consumo de todas as classes: casas e objetos de decoração, automóveis, geladeiras, vestidos, objetos para as mães, e assim sucessivamen-

te. Muitos desses produtos são úteis e necessários, e portanto não necessitam ser "vendidos" com uma publicidade tão intensa que aumenta ainda mais seus custos. Mas no anárquico sistema capitalista, com sua grandiosa e dispersa proliferação de produtos, as indústrias competem umas com as outras para conseguir uma fatia maior neste lucrativo mercado. Desse modo, a indústria da publicidade, apêndice parasitário do mundo dos negócios, converteu-se, ela mesma, em uma grande indústria.

Todos os meios de comunicação social, o rádio, a televisão, a imprensa, que plasmam a opinião pública, baseiam-se e são sustentados pelos publicitários, que por sua vez são apoiados pelos traficantes capitalistas. Em todos os setores da indústria se pressiona para a venda de artigos de consumo, inclusive para a propaganda que difunde a ideologia e a psicologia necessárias para conservar o sistema capitalista e seu poder de exploração.

As mulheres, debilitadas por causa de numerosos conflitos e frustrações, são muito suscetíveis a estas manipulações psicológicas que as empurram para a compra de coisas, como solução de seus problemas. Por outro lado, na imprensa em geral, um número cada vez maior de revistas se dedicam exclusivamente às mulheres, principalmente no campo da moda e

da beleza. Em geral, trata-se de produtos bons, impressos em papel de boa qualidade, mas de conteúdo muito ambíguo, uma vez que não vendem só beleza e outras mercadorias vantajosas, mas também são um incentivo altamente eficaz para a compra naquilo de dizer que as mulheres que mais consomem são as mais felizes, e as que conseguem maior sucesso.

A publicidade nos oferece sugestivas fotos de produtos de luxo de todo tipo, ao lado de belíssimas mulheres. O Grande Sonho Americano se converte em realidade para as belas mulheres que podem comprar carros aerodinâmicos, televisores ou qualquer outra coisa, e inclusive, apresenta uma vida sexual fantástica e uma família ideal. As que não puderem fazer tudo isso, perguntam-se no que poderiam ter falhado como *mulheres* para serem excluídas deste Grande Sonho Americano. E reprovam a si mesmas por não terem nascido ricas e belas.

Tal sensação de inferioridade pessoal é alimentada pelas novelas e artigos que preenchem os espaços para a propaganda. Os escritores capazes de explicar a origem capitalista desta sensação sentida por uma massa de mulheres não são nunca convidados, naturalmente, para que expressem suas opiniões nestas revistas. As opiniões "científicas" que estão nelas expressadas estão destinadas a conser-

var a exploração capitalista das mulheres, e não a eliminá-la.

Dessa forma, especialistas comprados para escrever artigos para as angustiadas donas-de-casa, aconselham estas a ocuparem-se o máximo possível dos filhos, a serem esposas amorosas, a cuidarem da família e tudo o mais, entendido bem claro que isso é possível através da aquisição de múltiplos e custosos objetos. Também discutem os problemas das mulheres que estudam, e insidiosamente dão a entender que seus felizes lares e sua vida emotiva foram prejudicados pelo trabalho exterior. Inclusive nesses casos, parece que o perigo pode ser evitado através do aumento de aquisições.

Ao contrapor a mulher que trabalha com a mulher dona-de-casa e vice-versa, deixam ambas com sentimento de culpa, conflitos e frustrações. Além disso, quando uma mulher trabalha e faz as tarefas domésticas, tais sensações se agigantam. Estas mulheres estão perpetuamente carcomidas por um conflito de interesses que não conseguem resolver nunca.

Mas este mal-estar e esta sensação de derrota são extremamente vantajosas aos *especuladores*, uma vez que forçam as mulheres a novas compras, com a pretensão de superar sua ansiedade e insegurança. Muitas vezes, para recuperar rapidamente a fé em

da beleza. Em geral, trata-se de produtos bons, impressos em papel de boa qualidade, mas de conteúdo muito ambíguo, uma vez que não vendem só beleza e outras mercadorias vantajosas, mas também são um incentivo altamente eficaz para a compra naquilo de dizer que as mulheres que mais consomem são as mais felizes, e as que conseguem maior sucesso.

A publicidade nos oferece sugestivas fotos de produtos de luxo de todo tipo, ao lado de belíssimas mulheres. O Grande Sonho Americano se converte em realidade para as belas mulheres que podem comprar carros aerodinâmicos, televisores ou qualquer outra coisa, e inclusive, apresenta uma vida sexual fantástica e uma família ideal. As que não puderem fazer tudo isso, perguntam-se no que poderiam ter falhado como *mulheres* para serem excluídas deste Grande Sonho Americano. E reprovam a si mesmas por não terem nascido ricas e belas.

Tal sensação de inferioridade pessoal é alimentada pelas novelas e artigos que preenchem os espaços para a propaganda. Os escritores capazes de explicar a origem capitalista desta sensação sentida por uma massa de mulheres não são nunca convidados, naturalmente, para que expressem suas opiniões nestas revistas. As opiniões "científicas" que estão nelas expressadas estão destinadas a conser-

var a exploração capitalista das mulheres, e não a eliminá-la.

Dessa forma, especialistas comprados para escrever artigos para as angustiadas donas-de-casa, aconselham estas a ocuparem-se o máximo possível dos filhos, a serem esposas amorosas, a cuidarem da família e tudo o mais, entendido bem claro que isso é possível através da aquisição de múltiplos e custosos objetos. Também discutem os problemas das mulheres que estudam, e insidiosamente dão a entender que seus felizes lares e sua vida emotiva foram prejudicados pelo trabalho exterior. Inclusive nesses casos, parece que o perigo pode ser evitado através do aumento de aquisições.

Ao contrapor a mulher que trabalha com a mulher dona-de-casa e vice-versa, deixam ambas com sentimento de culpa, conflitos e frustrações. Além disso, quando uma mulher trabalha e faz as tarefas domésticas, tais sensações se agigantam. Estas mulheres estão perpetuamente carcomidas por um conflito de interesses que não conseguem resolver nunca.

Mas este mal-estar e esta sensação de derrota são extremamente vantajosas aos *especuladores*, uma vez que forçam as mulheres a novas compras, com a pretensão de superar sua ansiedade e insegurança. Muitas vezes, para recuperar rapidamente a fé em

si mesmas, correm a comprar um vestido novo ou qualquer produto de beleza milagroso.

Resumindo, primeiro o sistema capitalista degrada e oprime massas de mulheres, depois explora o descontentamento e o medo para fomentar suas vendas e benefícios. Porém, este abuso inexorável sobre as mulheres não pode ser superado com uma guerra entre os sexos, e sim com a luta de classes.

Portanto, nossa missão é a de esclarecer que a fonte desses males é o sistema capitalista, juntamente com a máquina propagandística que faz as mulheres acreditarem que o caminho que leva ao sucesso e ao amor passa pelo consumo de variados produtos. Encarar superficialmente e aceitar os modelos capitalistas em todos os campos – desde a política até os cosméticos – significa perpetuar esse desordenado sistema, baseado na exploração e, portanto, fazer das mulheres vítimas.

Este artigo foi escrito há quinze anos, e é interessante e gratificante ver como neste período de tempo inclusive o campo da moda foi sacudido por uma nova rebelião que alterou velhos esquemas estéticos e criou outros novos. Muitas mulheres jovens abandonaram o uso de cosméticos e da *mis-en-plis*. Usam seus cabelos da forma que lhes parece mais conveniente. Os joelhos, que eram considerados como a

"parte feia" da mulher, foram descobertos implacavelmente com a mini-saia, e assim sucessivamente.

Ao invés dos Reis da Moda manejarem as mulheres, pelo menos durante certo tempo, ocorreu o oposto. Os figurinistas seguiam os gostos das jovens descuidadas e desarrumadas, adaptando-os de forma a conseguir produtos igualmente custosos. Conseqüentemente, o preço passou a se converter mais claramente em símbolo de "beleza", isto é, de distinção de classe; e, portanto, se uma mulher quer pertencer ao "grande mundo", como chamam aos ricos, o pouco e muito de vestidos que possua devem ser clara e visivelmente caros.

COMO A MULHER PERDEU SUA AUTONOMIA E COMO PODERÁ RECONQUISTÁ-LA[47]

Os problemas do sexo, do casamento e da família, que afetam profundamente o destino da mulher, são particularmente importantes para o movimento de liberação. Trata-se de questões puramente privadas ou têm por acaso algum interesse público? Esta pergunta poderá surpreender a muitos, que consideram que estas questões íntimas são assuntos pessoais, que deveriam permanecer estritamente privados. Inclusive, podem sentir-se aborrecidos com a idéia de que estas questões, que implicam frequentemente experiências pessoais penosas e conflitantes, possam ser consideradas de interesse público. Mas qual é a situ-

ação real nas condições atuais de vida da sociedade capitalista?

No seu livro *The Sociological Imagination*, C. Wright Mills esclarece este ponto. Ao falar da diferença entre "problemas pessoais" e "temas públicos", diz que "um problema é um assunto particular quando afeta apenas a um único indivíduo e ao círculo estreito que o rodeia". Em troca, os "temas de interesse público se referem a questões que transcendem a esfera individual e afetam toda a estrutura social". E nos oferece muitos exemplos para mostrar a diferença entre ambos.

Tomemos como exemplo a questão do desemprego. Mills diz que quando em uma cidade de 100.000 habitantes existe apenas um só homem desocupado, este é um problema pessoal. Inclusive este caso poderia ser explicado através do caráter particular daquele homem, de sua falta de habilidade ou de oportunidade imediata. "Mas quando em uma nação de 50 milhões de trabalhadores há 15 milhões de homens parados" a questão assume uma dimensão muito diferente. Indica, no mínimo, um colapso parcial da estrutura social e se converte assim em um tema de interesse político e público.

Um segundo exemplo citado, demonstra mais uma vez a realidade da transformação do elemento

quantitativo em qualitativo, que inclusive se mantém no que diz respeito às relações mais íntimas entre homem e mulher:

> *Consideremos o casamento. Dentro de sua estrutura, um homem e uma mulher podem experimentar dificuldades pessoais, mas quando o índice de divórcios durante os primeiros anos de casamento chega ao número de 250 em cada 1.000 casais, isto indica que existem problemas estruturais relacionados com as instituições do casamento e da família e de outras que se baseiam sobre estas.*

Decorreram 10 anos desde que Mills escreveu seu livro e entretanto os divórcios têm aumentado constantemente. Atualmente, em cada três casamentos, há uma separação. No estado da Califórnia, o índice é ainda mais elevado: entre dois casamentos, um acaba em divórcio. Estes números nos demonstram que os problemas nas relações pessoais mais íntimas entre homem e mulher ultrapassaram, atualmente, os limites de uma questão pessoal e representam um tema público de proporções massivas. Como conclui o próprio Mills, "a questão de um casamento satisfatório não pode manter-se no âmbito das soluções puramente pessoais".

Existe, porém, outro aspecto do problema. Uma vez que o casamento está intimamente relacionado com a família, ocorre que o que afeta um, afeta também, vitalmente, a outra. Dessa maneira a crise do casamento em grande escala implica uma crise correspondente para a família. Esta evolução contradiz a propaganda da Igreja e do Estado, que afirmam que a família é uma união estável, indissolúvel, que constitui o fundamento da própria sociedade, sem a qual seria impraticável toda vida humana. A crise da família despertou um grande interesse entre muitas mulheres do movimento de liberação, que realizaram estudos teóricos sobre a história e o papel da família. Isto as levou a questionar praticamente todas as antigas crenças em relação a esta instituição.

O resultado é que, atualmente, o movimento de liberação da mulher parte de um nível ideológico muito mais elevado e com uma visão mais avançada que seu predecessor, o movimento feminista do século passado. Nele, inclusive, as mulheres mais progressistas limitavam sua luta à reivindicação de direitos iguais aos dos homens, no que se refere à propriedade e à família, direitos civis iguais, como o direito ao voto etc. Mas, com raras exceções, as primeiras feministas não questionaram a instituição do casamento e da família burguesa além do

questionamento do próprio sistema capitalista e da propriedade privada. Para elas o casamento continuava sendo ainda o "sagrado vínculo" e a família era a "sagrada família", uma relação humana intocável, inquestionável, eterna e indiscutível.

Contudo, atualmente, estas atitudes e valores que antes eram comumente aceitos estão mudando profundamente, tanto na vida real, como no terreno dos novos valores que estão sendo difundidos através do país. As partidárias do movimento de liberação da mulher procuram novas respostas, mais científicas e documentadas, para substituir os antigos preconceitos e a propaganda sobre o problema do casamento e da família, que se converteram desde então nos temas mais ardentes da atualidade.

Como iniciar esta investigação? Do meu ponto de vista, é necessário antes de tudo combater a opinião tão difundida, porém errada, de que a família é uma "unidade natural", que sempre existiu e que existirá sempre, porque está enraizada nas mais profundas necessidades biológicas do sexo e da procriação que sentem todos os seres humanos. A história se desenvolve assim: o homem e a mulher se sentem reciprocamente atraídos através de sua necessidade natural urgente de manter relações sexuais e por isto se casam. Isto os leva à procriação, quando a mulher

dá à luz. O pai vai trabalhar para satisfazer as necessidades da sua família, enquanto a mulher fica em casa.

Este quadro simplista afirma ou implica a inexistência de outras formas para se satisfazer as necessidades e as funções naturais, a não ser através do casamento e da família patriarcal. Inclusive se diz que, uma vez que os animais, como os homens, se juntam e procriam, as raízes do casamento e da família transcendem o mundo animal. Assim, tais relações se convertem não apenas em um ponto fixo e irremovível da vida humana, mas que representam o melhor e mais desejável modo de satisfazer as necessidades naturais.

Estas afirmações, contudo, não resistem a uma investigação mais séria. Como conseguiram, então, ser tão difundidas? O erro fundamental consiste em identificar a necessidade natural do sexo e da procriação, que o ser humano compartilha com os animais, com as instituições sociais do casamento e da família, que são exclusivos da humanidade. Os fenômenos biológicos e sociais estão longe de serem idênticos. Os biológicos são "naturais", os sociais são "feitos pelo homem".

Desde o momento em que o ser humano é capaz de condicionar e impor um controle sobre as necessidades naturais, ele é o único que pode criar uma instituição nascida dessas necessidades naturais, mas que é governada e controlada por ele. As relações sexuais na sociedade são governadas pelo casamento e a procriação pela família. Estas leis humanas não têm equivalente no mundo animal, no qual as relações sexuais existem sem casamento e a procriação sem família patriarcal.

Enquanto o casamento e a família constituem uma fusão de necessidades naturais e fatores sociais, em troca, na realidade os fatores sociais são os decisivos para definir e determinar suas características. Segundo a lei do casamento monogâmico, o homem adquire um poder legal para exigir exclusividade sexual de sua mulher e a prestação de seus serviços domésticos. O direito familiar outorga ao pai a obrigação legal de prover a manutenção de sua mulher e seus filhos. Sendo o provedor principal neste sistema determinante da economia familiar, o homem ocupa uma posição central na família, lhe dá seu nome, determina suas condições de vida segundo seu nível de ocupação, sua classe e seu estado.

Dessa maneira, a família, como todas as demais instituições sociais, é um produto da história humana e não da biologia. É feita pelo homem e não pela natureza. Como se baseia nas necessidades bi-

ológicas do sexo e da procriação, modela, domina e condiciona essas necessidades mediante fatores legais, econômicos e culturais.

Em segundo lugar, não é verdade que esta instituição tenha existido sempre, nem ao menos como meio humano e social para governar as necessidades naturais. O casamento e a família não existiam na sociedade matriarcal, que não estava organizada sobre a base da unidade familiar mas sobre a base do clã materno. Longe de ser primordial e eterna, esta instituição teve uma vida relativamente breve na história da humanidade.

Finalmente, também não é verdade que a instituição do casamento e da família represente para o ser humano o melhor modo de satisfazer suas necessidades. Segundo demonstram as estatísticas, as relações sexuais institucionalizadas e a família estão se dissolvendo diante de nossos olhos. É absurdo, portanto, sustentar que essas relações devem ser estáveis por natureza ou por natureza humana, por mandamento de Deus ou do governo, como as mais satisfatórias para toda a eternidade. A amplitude e a profundidade de sua crise demonstram precisamente o contrário – que esta instituição não pode servir mais, nem ser útil às necessidades do ser humano. Por mais necessárias que possam ter sido

até nossos dias, é evidente que agora foram vencidas pelo tempo.

Mas as instituições podem mudar. Qualquer coisa que tenha sido feita pelo homem no transcurso da história, uma vez perdida sua utilidade, pode ser modificada, refeita, ou totalmente substituída pelo homem ou pela mulher. Uma vez que as mulheres como "segundo sexo" são hoje as mais frustradas e oprimidas por esta instituição arcaica, podemos esperar que sejam elas que tomem a iniciativa e promovam as mudanças necessárias que contribuam para sua liberação, na sociedade e em suas instituições.

Por isso é que um grande número de mulheres se rebela contra o *status quo*, procurando um esclarecimento teórico para as seguintes questões:

1. Que tipo de sociedade necessita da instituição matrimonial e por quê?
2. Como esta instituição reprime as necessidades humanas e degrada a mulher?
3. Quais são suas perspectivas e o que deve ser feito para que a mulher possa recuperar sua autonomia?

No que se refere à primeira questão, muitas mulheres do movimento de liberação já conhecem, ao menos em parte, a resposta. Leram a obra clássica de Engels sobre a *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, que embora tenha sido escrita

há um século, goza hoje de notável difusão e influência própria, pelo desejo que sentem as mulheres radicalizadas de aprender tudo o que seja possível sobre este tema. Através desta obra, puderam compreender que foi a sociedade patriarcal de classes que instituiu o casamento monogâmico e que seu propósito original era servir aos interesses dos ricos, porque protegia e ajudava a conservação e a transmissão de sua propriedade privada.

Na antiga história de Grécia e Roma, quando se consolidaram estas instituições, a base econômica do casamento monogâmico se expressava com suficiente brutalidade. Os juristas romanos que formularam o princípio da *patria potestas* (todo poder ao pai), codificaram também as leis referentes à propriedade, que formam a base da lei matrimonial. Estas leis continuaram sendo fundamentalmente as mesmas nos três estágios fundamentais da sociedade de classes: a escravidão, o feudalismo e o capitalismo.

No primeiro, o casamento era prerrogativa dos patrícios, quer dizer, unicamente das classes nobres e ricas. Os escravos não casavam: inclusive sua cópula ficava submetida ao capricho e à vontade de seu amo. Mas tampouco os plebeus se casavam no sentido formal do termo: simplesmente coabitavam por casais, segundo os velhos costumes e tradições populares.

O casamento começou como uma inovação introduzida pelas classes superiores, em benefício exclusivo dos ricos, proprietários de bens. Este papel decisivo que desempenha a propriedade privada na constituição do casamento como instituição de classe é resumido por Briffault como se segue:

> *O casamento patriarcal romano foi instituído deliberadamente pelos patrícios para seus próprios fins... Os patrícios não reconheciam como casamento propriamente dito os pactos matrimoniais daqueles que nada possuíam. Os plebeus não conheciam seus pais, e seus 'casamentos' eram pouco mais que uma promiscuidade entre bestas... Mas os patrícios não se limitavam a ridicularizar o casamento dos plebeus;* não permitiam que adotassem o sistema matrimonial patrício, *que consideravam um privilégio seu. E este privilégio consistia em ter um herdeiro legal reconhecido, capaz de ser o herdeiro de seu pai.*[48]

Outra fonte nos diz que

> *quando vemos que em Atenas, no ano 300 A.C., entre uma população de 515.000 pessoas, unicamente 9.000 tinham o direito de casar, podemos deduzir que*

o casamento era fundamentalmente uma instituição de classe.[49]

Dessa maneira, a base econômica do casamento e da família patriarcal era muito mais evidente que agora. Com as leis do casamento monogâmico, um homem assegurava a posse exclusiva de sua mulher que lhe gerava herdeiros legais e a absoluta autoridade sobre ela e seus filhos. Para demonstrar a evidente degradação da mulher neste período, Engels cita uma comédia de Eurípedes, na qual a mulher é definida como "oikurema", um substantivo neutro que indica um objeto de uso doméstico; e de fato, além de dar à luz seus filhos, a mulher não tinha para os atenienses outra utilidade a não ser servir seu marido.[50]

A base originária do casamento resulta menos transparente na fase seguinte da sociedade de classes, no período feudal, quando se estende a uma parte das classes inferiores. Para os nobres e aristocratas, o casamento legal continuava sendo prerrogativa dos ricos. Contudo ao surgir o cristianismo, a Igreja considerou útil, por múltiplas razões, estender o casamento aos pobres. Pela lei canônica, todos os cristãos ficavam obrigados a servir-se deste novo privilégio, o sagrado vínculo do casamento. Desse modo e ainda

que fosse limitado somente aos cristãos, uma parte da gente comum foi levada à instituição matrimonial, conjuntamente com os ricos. Todavia o casamento formal e legal não havia adquirido aplicação universal.

O casamento generalizado, estendido a todas as classes, se impõe na civilização ocidental quando surgem relações do tipo burguês. Inclusive, foi preciso algum tempo para que amadurecesse como obrigação legal. Antes de adquirirem e obterem as mesmas leis matrimoniais sancionadas pelo Estado, desfrutadas pela classe rica, os pobres e os despossuídos passaram por um período matrimonial baseado na "lei comum". Atualmente, com ou sem o matrimônio eclesiástico, todos os casais obtêm o mesmo certificado matrimonial, legalizado pelo Estado, que os converte legalmente em casados.

Nesta etapa da evolução do casamento e da família, a base econômica da instituição é obscurecida pelo fato de que os pobres e explorados são obrigados ao casamento legal, tal como os ricos. O casamento se converteu em obrigatório para todas as classes. Quem não cumpria com esta obrigação se expunha a penalidades legais de diversos tipos, como, por exemplo, a que *marcava* a mulher não-casada e a considerava "prostituta", qualificando como ilegíti-

mos seus filhos. A mãe solteira e seus filhos chegaram a ser tratados como marginais, condição que frequentemente era considerada pior que a morte.

Isto nos leva a perguntar como e por que uma instituição criada pela classe rica para servir seus próprios interesses econômicos pôde estender-se as massas trabalhadoras que pouco ou nada possuem. Como pôde acontecer que uma instituição concebida como instituição de classe tenha se convertido em uma instituição de massas no curso de um desenvolvimento histórico? Devemos procurar a resposta no modo capitalista de exploração de classes.

O capitalismo introduziu a industrialização em grande escala e com ela fez surgir as massas proletárias que habitam as cidades e aglomerações industriais. Isto significou uma mudança na posição econômica da mulher. Enquanto a agricultura e o pequeno artesanato continuavam dominando na produção, todos os membros de uma família, incluindo mulheres e crianças, ajudavam no trabalho que mantinha a família e a comunidade. O trabalho coletivo, dentro do âmbito familiar, era o modo característico de vida nas regiões agrícolas, nas pequenas oficinas de artesanato e indústrias domésticas. Mas com o surgimento do capitalismo industrial, a família produtiva da época pré-industrial foi substituída pelas famílias consumidoras, não produtivas, próprias das zonas urbanas. Ao transferir grandes massas humanas das granjas e pequenas oficinas e colocá-las como operários assalariados nas cidades industriais, as mulheres perderam o antigo posto no trabalho produtivo, ficando relegadas à criação dos filhos e aos trabalhos domésticos. Converteram-se em consumidoras totalmente dependentes de alguém que ganhasse seu sustento e pudesse "trazer o pão para casa".

Nestas circunstâncias, alguém teria que encarregar-se da responsabilidade de arcar com o cuidado das mulheres indefesas e dos filhos. Esta responsabilidade foi atribuída ao marido e pai, por meio de um casamento generalizado, embora não se desse a estes assalariados garantia alguma de que teriam sempre um trabalho ou salário suficiente para cumprir com suas obrigações familiares.

Para ocultar esta exploração, foi inventado um novo mito. Segundo a doutrina da Igreja, os casamentos "se realizam no céu" e desfrutam de um conhecimento divino. A partir daí, divulgou-se a idéia de que a família é uma unidade *natural* sem a qual o ser humano não pode satisfazer sua necessidade normal de amor e de ter filhos. A partir de então se converteu em obrigação *natural* do pai e/ou da mãe

prover as necessidades de seus filhos – sem levar em conta os que estiverem parados ou incapacitados, ou inclusive mortos.

Temos aqui a resposta à primeira pergunta, sobre o tipo de sociedade que precisa da instituição matrimonial e da família e para que fins. É a sociedade de classes que necessita delas para atender aos interesses dos ricos. No seu início, a instituição servia a um único fim que se relaciona com a propriedade e a hereditariedade da propriedade privada. Mas atualmente a família serve a um duplo fim: nas mãos da classe exploradora, converteu-se em instrumento suplementar para despojar as massas trabalhadoras. O matrimônio universal imposto pelo Estado, converteu-se em instrumento vantajoso para os *especuladores*, conforme foi surgindo o sistema industrial de escravidão assalariada. Isto desencarrega os capitalistas de toda a responsabilidade social quanto ao bem-estar dos operários e agrava a situação dos pobres com uma pesada carga econômica, na forma de obrigações familiares. Cada uma das pequenas famílias *nucleares* tem que sobreviver ou perecer por seu próprio esforço, com pouca ou nenhuma assistência de fora.

Uma das diferenças entre a exploração na fábrica e a que se desenvolve na família é que a primeira é

facilmente reconhecida pelo que representa, enquanto a outra não. Nunca conseguiremos fazer os trabalhadores assalariados compreender que sua dependência econômica dos patrões é sagrada ou natural. Pelo contrário, eles sabem muito bem que são explorados. Mas no caso da família, a mãe-natureza e a divindade são conjuradas para disfarçar a base econômica, declarando que ambas são "sagradas" e "naturais". Na realidade, o único sagrado para a classe capitalista dominante é o onipotente dólar e o direito à propriedade privada. Nestas circunstâncias, a necessidade de amor, seja sexual, materno ou paterno, não se beneficia, mas se aproveita e se distorce em uma instituição que não está baseada no amor, mas em considerações econômicas.

Isto nos leva a uma segunda pergunta: como a mulher chegou a ser considerada um ser inferior e degradado e como suas necessidades foram subvertidas por esta instituição?

É digno observar que uma das reivindicações fundamentais dos movimentos de liberação da mulher é o controle de seu próprio corpo. Atualmente esta reivindicação está centrada quase sempre nas funções reprodutoras e no direito ao aborto. Mas há outros aspectos relacionados com o direito da mulher e a determinação de seu próprio destino. Entre

estes se inclui o direito ao desenvolvimento irrestrito de sua inteligência e seu talento para a vida intelectual e cultural, como o poder desenvolver relações sexuais e afetivas satisfatórias. Todas estas necessidades humanas, sociais, sexuais e intelectuais foram reprimidas e mutiladas pelo tipo de vida mesquinha imposta à mulher através do sistema do casamento e da família.

Podemos medir a importância desta privação comparando a vida social e as relações sexuais livres de que desfrutava a mulher na sociedade pré-classista. Na sociedade primitiva, baseada na produção coletiva, as mulheres sobressaíam como seres produtivos e culturais. Ocupavam uma posição de destaque nos assuntos comunitários da tribo e não existia limitação por parte dos homens para sua capacidade intelectual ou sua liberdade sexual. Neste tipo de sociedade, baseada em direitos iguais para todos, não existia a necessidade de um casamento legal. Existia em seu lugar a simples coabitação de um casal, a "família acasalada" conforme denominam Morgan e Engels. A mulher, como os homens, exercia o direito de sua livre escolha em questões de amor e a união do casal persistia unicamente enquanto resultava satisfatória para cada uma das partes. As separações não afetavam os interesses da mulher e dos filhos, já que

eram mantidos pela comunidade em que viviam num sistema de "economia familiar".

Em resumo, uma mulher não necessitava de um marido como meio de subsistência; era economicamente independente como membro produtivo da comunidade. Isto proporcionava às mulheres, da mesma maneira que aos homens, liberdade para seguir suas inclinações pessoais no campo das relações sexuais. A mulher podia optar por permanecer durante toda a vida com o mesmo marido, mas não existia uma obrigação legal, moral ou econômica que a forçasse a isto.

Esta liberdade acabou com o advento da sociedade de classes, a propriedade privada e o casamento monogâmico. Uma vez perdida sua função produtiva dentro da comunidade, a mulher passou a depender do casamento como meio de subsistência. Foi então que o casamento se converteu na preocupação principal dentro da vida de uma mulher. Entre as classes ricas, foi considerado e utilizado como qualquer outra transação comercial. O pai da mulher entregava ao homem que havia casado com sua filha, uma propriedade chamada "dote". Os atenienses ofereciam um dote "para induzir os homens a casar com suas filhas e toda a transação do casamento grego se baseava neste dote", diz Briffault. E completa que o dote

era o ponto crucial para a "elaboração jurídica da instituição matrimonial".

A mulher se converteu em propriedade do marido junto com este dote: ficava obrigada a *submeter* seu corpo e seu cérebro, seu útero e seus serviços domésticos à disposição do marido. Nesta transação matrimonial, a mulher cedia o controle sobre seu corpo – e também sobre sua mente – convertendo-se de "corpo e alma" em propriedade do marido, que tomava as decisões importantes e decidia tudo em seu nome, controlando-a e a sua descendência.

Estes aspectos colocam em evidência o fundamento econômico da instituição de onde se origina a degradação da mulher. Na Grécia antiga, como diz Engels, a mulher se convertia em um bem próprio do marido, que a encerrava e guardava nas habitações destinadas às mulheres, dentro de sua casa particular, para que estivesse durante toda sua vida a seu serviço.

Nesta situação, em que o útero da mulher tinha importância decisiva, evidentemente seu cérebro não podia ter peso algum. Como nos demonstra a história da sociedade de classes, a mente e o talento da mulher tiveram muitas poucas oportunidades de se desenvolverem. Uma vez reduzida ao recinto doméstico, encerrada no lar, o intelecto da mulher permanece

em estado de subdesenvolvimento, sofrendo o sexo feminino um bloqueio no seu desenvolvimento cultural. As mulheres, como sexo, sofreram a mesma situação que os países coloniais experimentaram sob o domínio imperialista.

Estas não foram as únicas desvantagens impostas à mulher, quando esta perdeu o controle de seu destino e de sua autonomia: ela também se viu privada de uma vida afetiva e sexual satisfatória.Como sublinhou Engels, a monogamia desde o princípio foi imposta unicamente à mulher. Segundo um código moral rígido, a mulher deve limitar suas relações sexuais ao próprio marido. Enquanto ela não pode ter relações sexuais com outro homem e é severamente castigada por qualquer infidelidade, não se impõe as mesmas restrições ao marido, que pode relacionar-se livremente com outras mulheres. A seus olhos, as mulheres dividem-se em duas categorias e a menos desejável delas é a das esposas. Na Grécia, as mulheres mais atrativas eram as *hetairas* que desdenhavam o casamento, e algumas ficaram famosas por seu talento intelectual e artístico; depois vinham as concubinas, também sexualmente acessíveis e, como último recurso, as esposas.

Deste modo, ainda que a mulher ocupe um lugar de destaque segundo a lei, é a última na hora de

gozar a companhia intelectual e sexual do marido. Demóstenes, o grande orador e político grego, resumiu a situação da seguinte maneira: "Temos a hetaira para nosso prazer, a concubina para as exigências cotidianas do nosso corpo e a mulher para ter filhos legítimos e uma casa em ordem"[51].

Nestas circunstâncias, as relações entre um homem e sua mulher, desinteressada e limitada ao lar, ficavam reduzidas ao mínimo. Como observa Engels, o homem sente estas relações como uma "carga", um "dever a cumprir e nada mais". Não é de surpreender portanto que por causa deste amplo desinteresse pelas esposas "em Atenas, a lei obrigasse o homem não apenas a contrair matrimônio, como a cumprir ao mínimo os seus chamados deveres conjugais".

É evidente que o casamento não foi introduzido para satisfazer as exigências humanas normais de afeto sexual e companhia e menos ainda para a mulher. O casamento foi estabelecido aberta e declaradamente para servir aos interesses dos homens possuidores da propriedade privada e segue mantendo abertamente esta função no estágio seguinte da sociedade de classes, a Idade Média.

No feudalismo, os senhores e nobres estabeleciam seus tratados sobre as terras, e a mulher era entregue conjuntamente como a terra que levava como dote, permanecendo indissoluvelmente ligada a esta. Muitas vezes esse contrato era realizado quando a mulher ainda era uma criança. Como o exemplo que nos oferece Will Durant:

> *Aos quatro anos de idade, Grace de Saleby foi dada em casamento a um nobre que poderia administrar suas ricas propriedades; mas ele morreu e ela então se casou aos seis anos com um rico senhor; aos onze anos casou com um terceiro... nestes negócios, o Direito da propriedade privada predominava sobre o amor e o casamento era uma questão financeira.*[52]

É certo que os amores românticos floresceram durante todo o período feudal, mas sempre tinham lugar fora do casamento. Inclusive, as esposas dos senhores gozavam do prazer de um amor ilícito e, ainda que se esperasse delas uma certa dissimulação e discrição, a necessidade de manter o segredo, em geral, não passava de mera formalidade. Em resumo, poucos esforços eram feitos para ocultar o fato de que o casamento nada tinha a ver com o amor, e no código cavalheiresco, inclusive se considerava vulgar que um amor culminasse com o casamento.

A fusão entre amor e casamento chegou com as relações "livremente contratadas" que figuravam na base do capitalismo e com o surgimento da classe proletária de trabalhadores assalariados. Isto não significa que a combinação resultou em êxito brilhante, porque o amor se defrontava com muitos fatores adversos. É verdade que, normalmente, entre os trabalhadores que possuem pouco ou nada, a base para o casamento é a atração recíproca e o amor. Mas não é verdade, segundo querem fazer crer as histórias, que depois do casamento o casal tenha que viver feliz para sempre. As estatísticas nos demonstram que os casamentos dos trabalhadores entram em crise e fracassam com a mesma frequência e rapidez que os da classe média e rica.

Uma vez mais, portanto, as relações afetivas e sexuais satisfatórias ou duradouras não se vêem favorecidas por uma instituição que se baseia na exploração da classe trabalhadora, através de um sistema de "economia familiar". Isto é especialmente certo no caso da mulher. Quando há pouca coisa que uma mulher pode escolher como forma de vida, além de converter-se em esposa, o termo "bom partido" se converte em sinônimo de marido. Atualmente a mulher casada, ainda que em grande número trabalhe fora do lar, continua suportando a carga básica de

todas as tarefas e responsabilidades domésticas. Representa o sexo duplamente oprimido, explorado no trabalho por seus patrões e oprimido no lar através da servidão familiar.

Aqui temos, assim, a resposta à nossa segunda pergunta, de como e por que as necessidades humanas são degradadas por esta instituição. Criada pela classe rica para servir a seus próprios interesses, esta instituição não foi na sua origem nem é atualmente um meio de satisfazer as necessidades humanas, sobretudo as necessidades da mulher trabalhadora. É um instrumento de exploração utilizado por uma sociedade de classes e exploradora.

Contudo, é precisamente o fato da mulher se ver duplamente oprimida, como trabalhadora e como mulher, o que deu nova vida e vigor ao atual movimento de liberação da mulher. Para falar mais exatamente, a transformação de muitas mulheres em mulheres trabalhadoras proporcionou-lhes tantos os meios, quanto o incentivo para colocar em dúvida o sistema opressor. Foi o afluxo crescente da mulher como trabalhadora assalariada na indústria, nas fábricas e nas profissões liberais, que introduziu um fator novo em sua vida, alguma coisa que a maioria de suas predecessoras do século XIX jamais chegou a possuir: a independência econômica.

É certo que a mulher, de modo geral, se verá relegada aos trabalhos mais humildes e subalternos, com um salário inferior ao dos homens, mas sua introdução na economia social se converteu no ponto de partida que as mulheres necessitavam para alcançar sua liberação. Alcançaram, assim, a possibilidade de escolher uma vida diferente que não a da dedicação total ao lar e à família e diferente do isolamento e da dependência a que estavam condenadas. Isto implica a possibilidade de reunir-se e trabalhar com outras mulheres e com outros homens e descobrir que tem aspirações e problemas comuns, tanto referentes ao trabalho como à família. Assim, seu afluxo no mercado de trabalho significou uma recusa crescente a um gênero de vida social e intelectualmente estancado.

O número de mulheres que trabalham fora do lar, casadas ou não, vem aumentando constantemente a partir da Primeira Guerra Mundial. As mulheres trabalham em tempo integral ou parcial ou, inclusive, durante apenas um período de sua vida. Considerando todas essas categorias, segundo informe do Ministério do Trabalho, 90% das mulheres americanas trabalham, ainda que apenas durante um período de sua vida.

Estes dados são citados por M. e J. Roundtree no artigo publicado em janeiro de 1970, na *Monthly Review*, intitulado "Algo mais sobre a política econômica do movimento de liberação da mulher". Concluindo, dizem:

> *A manutenção de um determinado nível de vida para a família, e em muitos casos a possibilidade de evitar a pobreza, depende agora, substancialmente, de que duas pessoas ganhem dinheiro na família. Trata-se de um processo irreversível. A participação da mulher no trabalho assalariado não pode mais continuar sendo considerada como uma situação "transitória". Passou o tempo em que a mulher podia voltar ao lar.*

Estes fatos são os que proporcionam a importância e o conteúdo para as reivindicações do movimento de liberação da mulher. Significam que passou o tempo em que as mulheres se submetiam, silenciosas e indefesas, à desigualdade, à discriminação e ao estado de inferioridade que a sociedade capitalista lhes tinha destinado como sexo. As militantes desencadearam uma ofensiva para recuperar o controle de seu corpo, de sua mente e de sua própria vida, que durante milhares de anos foram sacrificados aos in-

teresses da propriedade privada. Eu acredito e afirmo que este, também, é um processo irreversível, que se estenderá continuamente a novas camadas de mulheres.

Chegamos assim à última questão: quais são as perspectivas da família e que fazer para que as mulheres reconquistem sua autonomia. É significativo que quase todas as mulheres do movimento de liberação, que reconhecem a necessidade de reestruturar a família, se dêem conta, também, que este objetivo está estreitamente ligado à reestruturação da própria sociedade. Ao mesmo tempo, não se limitam a esperar passivamente a revolução social que traga a liberação, mas trabalham para conseguir este objetivo através de uma pressão constante sobre os poderes constituídos. Já se produziram importantes mudanças no terreno do sexo, do casamento e da família.

Tomemos como exemplo uma das reivindicações mais importantes da mulher atualmente: a legalização do aborto. As mulheres dizem que até que se descubra uma pílula completamente inofensiva e eficaz e outros meios anticoncepcionais, devem poder terminar uma gravidez não-desejada. Já se conseguiu muitas conquistas importantes e legais como resposta a essa reivindicação e podemos predizer que outras

se seguirão. Mas existe outro aspecto mais profundo nesta batalha: as mulheres estão contestando diretamente o sistema social atual dominado pelo homem, na sua luta por adquirir o controle de seus próprios processos reprodutivos.

Esta não é a única ofensiva lançada pelas mulheres para recuperar o controle de seu corpo. O aumento contínuo de divórcios indica que a mulher começa a dispor de sua vida sexual sem se preocupar muito com sua regularização matrimonial. Durante anos a "revolução sexual", como foi chamada, avançou mais ou menos secretamente. Atualmente está plenamente exposta à luz, graças ao movimento de liberação da mulher. Hoje as mulheres desprezam e são contrárias à hipocrisia da "dupla moral" que garante aos homens uma liberdade sexual negada a elas. Esta "explosão sexual" alcançou quase todos os setores de nossa sociedade. Relações sexuais pré-matrimoniais, extra-matrimoniais e não-matrimoniais são hoje algo tão comum que, como disse Marya Mannes na televisão, "O casamento jaz em ruínas ao nosso redor." Registra-se um progresso notável em comparação com as atitudes e perspectivas das mulheres, inclusive as mais avançadas do século XIX, que lutavam por seus direitos civis, mas continuavam sendo conservadores nas questões de sexualidade

feminina. A maioria delas sustentava ainda a validade da ética puritana, que condenava o amor fora do leito matrimonial como "luxúria", como algo imoral e pecaminoso.

Atualmente, contudo, as cartas foram colocadas na mesa. As mulheres do movimento de liberação não lutam apenas por possuir o controle de seu corpo e de sua mente mas reclamam um tipo completamente novo de moralidade sexual e social. Condenam a hipocrisia, a culpa e a vergonha, em relação às suas necessidades sexuais, que visa prendê-las a um casamento indissolúvel. Como disse uma mulher, "a gente deve sentir-se ligada pelo amor e não por um contrato".

Do mesmo modo, a mulher desencadeou uma ofensiva contra sua degradação sexual na publicidade e nos meios comerciais, destinados a vender bens de consumo. Denunciam seus exploradores que, para vender sua mercadoria, aviltam o sexo feminino com todos os truques pornográficos que têm à sua disposição.

Este é outro dos aspectos da campanha lançada pelas mulheres para colocar em evidência o moralismo hipócrita da sociedade capitalista. Outro aspecto é o que constitui sua reprovação aos homens que tentam aproveitar-se da liberdade sexual da

mulher apenas para satisfazer seu próprio egoísmo machista.

E isto não é tudo: a tendência para novas normas sociais e sexuais; impulsionada pelas mulheres do movimento de liberação, estendeu-se ao campo da moralidade familiar. Durante anos as mulheres ouviram dizer, e muitas vezes acreditaram, que a mais elevada e satisfatória expressão do amor se encontra na unidade e no afeto familiar. Muitas descobrem, agora, que isto é também uma falsificação da realidade. O amor familiar saiu danificado e mutilado por uma sociedade baseada no consumo, na disputa brutal nas distinções de classe e racista e na alienação que estas condições comportam.

As mulheres, na procura de uma nova moralidade familiar, estão articulando e compreendendo o que está equivocado atualmente nesta instituição. Em nossa sociedade comercializada, principalmente nos lares da classe média, o amor se mede pelo número de coisas que os pais compram para os filhos e pelo que fazem por eles, sob a forma de privilégios especiais. Isto, por outro lado, faz com que as crianças se convertam em propriedade privada de seus pais e permaneçam sob seu controle como outra forma qualquer de propriedade. Isto foi exposto assim:

O amor é uma palavra que exige nova definição... é uma arma de controle. É a tentativa por parte de alguém para converter o outro em objeto que satisfaça seu próprio egoísmo e suas próprias necessidades de segurança. Assim, alguém se converte em uma espécie de móvel caro e muito elaborado na vida do outro.[53]

Um ponto de vista semelhante é exposto por Linda Gordon, em uma excelente revista teórica publicada em Baltimore, *Women: a Journal of Liberation*. Ela escreve:

O fato de frequentemente confundirmos o amor materno ou paterno com a propriedade nos faz compreender até que ponto o próprio amor se converteu em artigo de consumo em nossa sociedade capitalista. Amor não significa propriedade. A propriedade, quando afeta um ser humano, se chama escravidão.

O núcleo familiar, restringido, paralisado, frequentemente amargurado, no qual as disputas e a animosidade recíproca prevalecem muitas vezes sobre a harmonia, está longe de ser a melhor mostra de relações humanas. A conhecida "rivalidade entre irmãos", que alguns querem fazer acreditar que sai dos próprios genes, é simplesmente um reflexo, dentro da unidade familiar, da competição, do temor, da insegurança, dos ciúmes e da inveja que prevalecem em toda sociedade capitalista. Os mesmos fatores que levam à alienação os membros da família, convertendo-os em estranhos, um para o outro, dividem também uma família da outra, impedindo-as de reconhecer quem é seu inimigo comum e empreender uma ação comum para combatê-lo. Para que descubram todos estes aspectos reacionários da família, que têm sido durante tanto tempo glorificada como a melhor de todas as instituições possíveis, e se tornem claros para as mulheres, é necessário ainda muito tempo.

As dificuldades com as quais se defronta a mulher branca se multiplicam quando se trata de mulheres negras e procedentes do Terceiro Mundo. Frances Beal, coordenadora nacional do Comitê de Liberação de Mulheres Negras do SNCC, realizou uma excelente análise do que significa ser mulher e negra nesta sociedade, em um artigo publicado na antologia *The Black Woman*, editada por Toni Cade. Maxine Williams, da Aliança de Jovens Socialistas de Nova York, e da Aliança de Mulheres Negras, nos proporcionou uma análise esclarecedora sobre "A mulher negra e a luta pela liberação", em *The Militant* de 5 de junho de 1970.

Que contribuição trouxeram estes artigos? O elemento fundamental que impulsiona o movimento de liberação é, para as mulheres, a reconquista de sua autonomia. Para alcançá-la se vêem, por um lado, obrigadas a continuar a batalha por seus direitos como mulheres trabalhadoras, e pela completa igualdade de trabalho e salário com os homens. Por outro lado, como mulheres, se vêem obrigadas a criticar severamente a instituição do casamento e da família, que lhes havia sido mostrada como natural e eterna. Começaram a chegar à inevitável conclusão de que uma instituição que serve aos interesses dos capitalistas não pode servir aos da classe trabalhadora ou aos interesses das mulheres.

Mais ainda, as mulheres do movimento de liberação vêem além da unidade familiar, vêem o próprio sistema capitalista e questionam sua existência. Ao menos nos setores mais avançados são aceitas as premissas básicas de Engels, que são premissas marxistas, sobre a natureza da sociedade capitalista. Conforme as jovens rebeldes vão amadurecendo, assim como os homens, vêem que é indubitavelmente o sistema mais imoral e degenerado de toda a história. Vivemos em uma sociedade de guerras exterminadoras, de opressão racial e sexual, de embrutecimento do pobre e indefeso; uma sociedade que polui seu céu,

seu alimento, seu ar e sua água, que gera políticos corruptos. Resumindo, é um sistema no qual tudo está subordinado e sacrificado à propriedade privada.

Tudo isto é tão repulsivo para as mulheres militantes que o movimento de liberação se lança com um forte componente anticapitalista. Como diz o editorial da publicação de Baltimore: "As mulheres não pedem nada menos que a transformação total do mundo". Esta corrente anticapitalista e filo-socialista provavelmente irá aumentando.

O ponto sobre o qual a maioria destas mulheres se mostra indecisa é o tipo de sociedade que substituirá o capitalismo e os meios e as forças necessárias para esta mudança. Algumas se "desviaram" para os diferentes grupos "radicais" que não são genuinamente marxistas e não compreendem o que significa o movimento de liberação da mulher. Mostram-se corretamente críticas diante das burocracias de países pós-capitalistas, como a União Soviética, que não colocou em prática um programa pela liberação da mulher. Muitas descobrirão, em breve, e muitas já o fizeram, que o programa e as tradições de Marx e Engels continuam presentes, inclusive hoje, nas organizações revolucionárias da Aliança de Jovens Socialistas e do SWP (Socialist Workers Party).

Contudo, no breve espaço de um ano, o movimento de liberação da mulher deu passos gigantescos, tanto que a tentativa inicial de ridicularizar as mulheres empenhadas na luta falhou e em alguns terrenos desapareceu totalmente. Em seu lugar, cresce o respeito pelo movimento e cresce, inclusive, a esperança por parte de alguns homens simpatizantes, de que a luta pela liberação da mulher possa apoiá-los na luta pela sua própria liberação. Richard E. Farson expressou-se neste sentido em um artigo chamado "A raiva das mulheres", publicado em *Look* em 16 de dezembro de 1969:

"Poderia haver uma saída magnífica para tudo isto", escreve referindo-se ao papel "humanizante" que as mulheres tiveram na história. "O efeito sobre os homens pode ser realmente saudável. Pode ser que, inclusive, ele seja liberado" E conclui:

A revolução da mulher pode conduzir a uma real e genuína revolução humana, na qual já não aceitaremos sistemas inferiores ao nosso potencial, não permitiremos que sejamos explorados e decepcionados, já não admitiremos a contaminação de nosso ambiente nem o perigo a que estão expostos nossos filhos, no qual não suportaremos a vaidade e a superficialidade das relações humanas, onde não mais toleraremos que a guerra e a violência resolvam os problemas humanos.

De fato, esta convocação para a "revolução humana" não é outra coisa que uma convocação para a revolução socialista que nós, militantes do movimento marxista, temos nos empenhado em levar adiante com todos os meios à nossa disposição. Sabemos que a luta pela liberação da mulher não poderá conduzir por si mesma à solução do nosso dilema atual. As mulheres têm necessidade de aliados nesta luta cruel por uma nova e melhor sociedade. Estes são encontrados entre os operários, entre os estudantes rebeldes, entre os negros e outros setores oprimidos.

Ao mesmo tempo, conforme o movimento de liberação da mulher adquire maior credibilidade e penetra mais profundamente entre as mulheres trabalhadoras, pode atuar como catalisador para colocar em movimento o potencial anticapitalista das forças da classe operária. Como resultado destas experiências e lutas conjuntas, adquirirá novo significado a velha palavra de ordem marxista: "Não temos nada a perder a não ser nossas cadeias; temos um mundo todo a ganhar".

NOTAS

1 Mariúcha Fontana é jornalista, editora do jornal *Opinião Socialista* e membro da direção nacional do PSTU.

2 Este discurso foi pronunciado no dia 9 de maio de 1969, em reunião patrocinada pelo SDS - Students for a Democratic Society, na Universidade de Emory, Atlanta, na Georgia. Ao mesmo tempo, e isto é curioso, realizava-se na universidade o concurso para a eleição da Miss Emory. Este discurso fazia parte do programa da primeira Conferência Socialista Meridional, realizada naquele final de semana, convocada pela Aliança de Jovens Socialistas).

3 *Filosofia do Futuro.*

4 *O Homem no Mundo Primitivo.*

5 Cit. in Robert Briffault, *As mães.*

6 *As mães.*

7 *A origem da família, da propriedade privada e do Estado.*
8 *A família.*
9 Na época, 1969, ganham destaque nos EUA os movimentos contra a Guerra do Vietnã, em que as mulheres desempenham um papel de liderança extraordinário. A autora foi ela mesma uma militante incansável destas manifestações, nas grandes campanhas pelo SWP. [N. da T.]
10 A sigla forma o termo "escória" em inglês. N. do E.
11 *Women's Share In Primitive Culture* (A participação das mulheres na cultura primitiva).
12 *Anthropology.*
13 Op. cit.
14 *The Golden Bough.*
15 *Principles of Anthropology.*
16 Op. cit.
17 *What Happened in History.*
18 Op. cit.
19 *Man Makes Himself.*
20 Op. cit.
21 Op. cit.
22 Op. cit.
23 *An Introduction to Social Anthropology.*
24 *The Mothers.*
25 *Man Makes Himself.*
26 Idem.
27 Op. cit.
28 Op. cit.
29 Op. cit.
30 Op. cit.
31 *Man Makes Himself.*

32 Op. cit.
33 Op. cit.
34 Briffault, op. cit.
35 Ibidem.
36 Scoresby e Katherin Routledge, *With a Pre-historic People.*
37 Op.cit.
38 Op. cit.
39 Op. cit.
40 *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem.*
41 Op. cit.
42 *Man Makes Himself.*
43 *What Happened in History.*
44 *Smithies* é o termo em inglês para ferraria. N. da T.
45 Referência a um poema de Rudyard Kipling.
46 Alusão à concentração e à centralização da riqueza em mãos das sessenta famílias mais poderosas dos Estados Unidos. N. da T.
47 Este informe foi apresentado, entre outros, na Conferência Meridional para a Liberação da Mulher, realizada em Beulad, Mississipi, em 8 de maio de 1970.
48 *The Mothers.*
49 V. F. Calverton, "Sex and Social Struggle", in Calverton e Schmalhusen, *Sex and Civilization.*
50 *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.*
51 *The Mothers.*
52 *The Age of Faith.*
53 Carola Hanisch e Elisabeth Sutherland Martínez, in *The Militant*, 26 de dezembro de 1969.

A AUTORA

Evelyn Reed (1905-1979) foi artista, antropóloga e militante trotskista nos EUA. Entrou no SWP, o partido norte-americano, em 1940, após conhecer James Cannon durante uma visita a Leon Trotsky e Natalia Sedova, então exilados no México. Depois de algum tempo dedicada à sua arte, apresenta seus estudos sobre a opressão à mulher e aviva o movimento feminista das décadas de 1960 e 1970 com palestras, conferências e debates.